

HTB 20,00

Tribuna Operária

ANO II — Nº 44 — 18 A 31 DE JULHO DE 1981

Desemprego é desafio à união dos operários

JOÃO AMAZONAS DÁ A OPINIÃO DOS COMUNISTAS

Entrevista exclusiva sobre as eleições de 1982 e a luta democrática. Pág. 3



Este jornal sai 72 dias após a bomba no Riocentro; 319 dias após assassinar D. Lyda. Os terroristas continuam impunes

BNH trama ofensiva geral para jogar povo na favela!

A trama sinistra está explicada na pág. 2

Editorial

Vigor operário na União Metalúrgica

Todo o movimento operário brasileiro acompanhou com atenção a campanha para as eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. O pleito mobilizou a categoria e mexeu com diversos setores sociais. Até o jornal da Diocese de São Paulo chegou a manifestar em editorial o apoio da Igreja a uma das chapas.

A força numérica de 400 mil metalúrgicos já justifica tanto interesse. E as lutas recentes, em particular as greves da Fiat e da Ford, reafirmam para os operários como faz falta um Sindicato combativo e uma diretoria representativa, capaz de dirigir de forma unitária as batalhas contra os patrões.

A importância da campanha chama a atenção também para as condições em que ela se realiza. A falta de liberdade, a interferência do governo e a repressão policial, impedem o debate livre e aberto entre os trabalhadores e dificultam a manifestação da vontade da maioria. As fraudes e violências nas eleições sindicais de Conceição do Araguaia e do Cabo são exemplos recentes e muito esclarecedores.

* Mas acima de tudo o que marcou a campanha foi o confronto entre as 3 principais correntes do movimento sindical brasileiro, justamente no maior Sindicato do país.

A chapa de Joaquim representa o que há de mais podre no sindicalismo. São os pelegos, os corruptos e os reformistas, que há muito tempo colaboram com a burguesia para sufocar a classe operária. Pregam o apoliticismo e a mera reivindicação de migalhas no terreno econômico. Com o avanço do movimento operário, encontram-se na defensiva. Mas continuam agarrados como ostras no movimento sindical. Apoiam-se na estrutura atrelada ao Ministério do Trabalho.

Dando continuidade à chamada "Oposição Sindical", formou-se a chapa 2. Caracteriza-se pelo desprezo às entidades. A própria "Oposição Sindical" passou a ser uma

mini-entidade paralela ao Sindicato. Atrás de uma linguagem aparentemente radical, esconde uma prática divisionista. Esta corrente agrupa setores da Igreja e sindicalistas comprometidos em geral com o chamado Partido dos Trabalhadores. Defende uma política estreita baseada na luta de pequeno grupo isolado das massas. Tem uma linguagem anticapitalista, mas expressa em geral, concepções que se chocam com o socialismo proletário.

* Ao lado destas, representada pela União Metalúrgica, cresce uma corrente que prega uma política unitária e consequente para o movimento operário. Tem como objetivo libertar o Sindicato da tutela do governo e transformá-lo num instrumento da classe operária na luta contra o patrão e o capitalismo. Ao mesmo tempo não se descuida das reivindicações imediatas.

A campanha da União Metalúrgica ganhou espaço nas fábricas. Seus participantes tiveram uma dedicação incansável. Mostraram a ousadia e o vigor que caracterizam a classe operária como única classe verdadeiramente revolucionária.

Por apresentar respostas concretas para os problemas atuais, a União conquistou o apoio de parcelas consideráveis das bases das correntes adversárias. Engrossou as suas fileiras com os grevistas e piqueteiros forçados nas últimas lutas. E com veteranos que já gozam do prestígio da categoria em cada empresa. Serviu como pólo de aglutinação do que há de melhor no seio da classe operária e que vem à tona sempre que a luta de classes toma impulso.

Especial Metalúrgicos

Tribuna Operária

ANO II, NÚMERO ESPECIAL, 5 DE JULHO DE 1981

PREÇO: CR\$ 5,00

Você confia nesse homem?

A Tribuna revela a verdadeira história de Joaquim e sua gang

Essa sopa vai acabar!

Entre 13 e 17 de julho vai haver eleições para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. A Tribuna revela a verdadeira história e o papel de Joaquim e sua gangue.

Recebiam grana da embaixada americana para desvirtuar o movimento sindical. Sempre agiram como fura-greves. Deduraram 1.800 só em 1964. Ajudaram o arrocho e a repressão. Embolsaram dinheiro alheio e ficaram ricos da noite para o dia. Têm que pular fora do Sindicato!

Metalúrgicos indignados com as safadezas da gang de Joaquim

Denúncia da TO caiu como uma bomba sobre o pelego. P. 8

Juventude rebelada põe fogo na Inglaterra

Página 5

Jornalistas condenados no Sul por divulgarem a verdade

na imprensa

Lei fascista de Segurança Nacional

foi aplicada outra vez. Pág. 8



A greve na Ford de São Bernardo confirmou a lição da greve da Fiat. Isolados dentro da fábrica, sob o cerco hostil dos patrões e do governo, os grevistas não conseguiram a readmissão dos seus companheiros demitidos. O desafio do combate ao desemprego é romper este cerco. Elevar o nível da greve. Buscar a solidariedade dos operários de outras fábricas, já que o inimigo é comum. Usar a arma mais afiada da classe, a união. Pág. 4.

Trabalhador desempregado matou dois filhos para não vê-los passar fome!

Página 2

Líder metalúrgico propõe plataforma contra demissões

fala o POVO

Páginas 6 e 7

Novos aumentos do BNH vão jogar o povo na favela

Este mês os reajustes das prestações do BNH e dos aluguéis terão um aumento de 72,8%, o maior de nossa história. E a partir de 1982 os reajustes serão semestrais. Esta é a receita do governo Figueiredo para a crise no setor imobiliário, cujas atividades caíram 70% nos quatro primeiros meses do ano. A grande massa dos mutuários do BNH, revoltada, ameaça deixar de pagar as prestações. O presidente do BNH diz que não aceita o boicote; mas desvia as verbas do Banco para ajudar a política de exportação do governo.

Um verdadeiro festival de incompetência administrativa assola o Banco Nacional de Habitação (BNH), que administra o dinheiro para a construção de conjuntos habitacionais e financiamentos para casa própria.

Criado há 17 anos, o BNH usou o dinheiro do FGTS (Fundo de Garantia) do trabalhador para financiar residências luxuosas. Conforme dados de 1977, da própria instituição, a maioria dos financiamentos eram para famílias com rendimentos acima de 12 salários-mínimos. Hoje existe uma carência de 7 milhões de residências, enquanto o BNH financia somente cerca de 500 mil moradias anuais.

Com o reajuste de 72,8% estes problemas se agravarão. Os protestos já começaram. As Associações de Mutuários de Belo Horizonte e de outras localidades já propuseram o boicote deste reajuste. Um juiz do Rio de Janeiro afirmou que as ações de despejo por falta de pagamento deverão triplicar a partir do próximo mês. Até a Federação do Comércio de São Paulo está reclamando por causa da queda de vendas no setor imobiliário. Um de seus dirigentes afirmou que o BNH se transformou num "centro de agiotagem do dinheiro nacional".

NENHUMA MEDIDA EFICAZ

Diante de toda esta revolta o presidente do BNH não toma nenhuma medida que realmente beneficie o morador de pequena renda. Acusou de espúrias as Associações que defendem o boicote. Prometeu que no próximo ano, o reajuste, que até agora é anual, vai passar a semestral. E ainda criou uma décima-terceira prestação para quem quiser ter casa própria. Au-

menta-se o preço, aumenta-se o número de pagamentos e a frequência dos reajustes — esta é a filosofia do sr. José Lopes de Oliveira, presidente do BNH.

Mas não é por falta de verbas que o Banco está em crise. Nos últimos anos as verbas que seriam destinadas para a construção de casas foram desviadas para comprar títulos do Tesouro e com isso ajudar a política monetária do governo. Cem milhões de cruzeiros das cadernetas de poupança também foram desviadas para financiar exportações.

OS LUCROS DAS IMOBILIÁRIAS

O BNH foi criado em agosto de 1964 visando incentivar a indústria da construção civil. No início o dinheiro para seu funcionamento vinha da arrecadação obrigatória de 1% dos salários dos empregados. Com a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), em 1967, o BNH assumiu o controle deste dinheiro assim como dos depósitos das Cadernetas de Poupança.

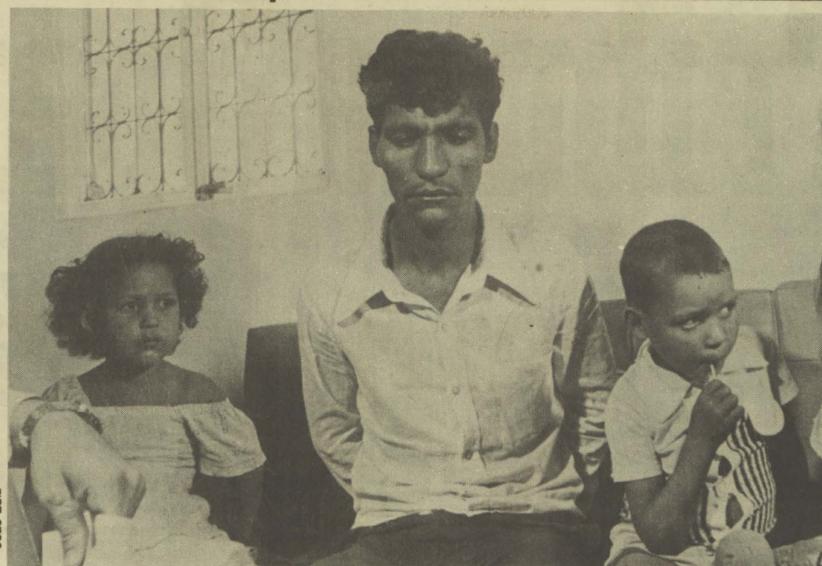
É o caso de se perguntar: para onde vão os quase 700 bilhões de cruzeiros do FGTS e 1,5 trilhão depositados em cadernetas de poupança que o BNH administra? Desde a sua criação, o BNH sempre orientou sua política no sentido de transferir todas as suas funções para a iniciativa privada. O Banco limita-se apenas a arrecadar dinheiro, que em seguida transfere para as companhias habitacionais, agentes financeiros, imobiliárias, ou seja, os patrões. E estes, além de reter uma parte dos juros, conservam para fins de especulação os recursos financeiros provenientes das prestações recebidas durante o ano, antes de os devolverem ao BNH.

CONTROLE DOS OPERÁRIOS

A crise da habitação somente será resolvida em um regime onde o povo tenha o controle dos destinos da nação. Mas o caos atual poderia ser ao menos reduzido com medidas como o planejamento e a construção das habitações sob controle dos sindicatos, associações de bairro, ou seja das entidades populares. Assim, este Banco da Habitação não seria apenas um simples captador das fabulosas quantias que tem em mãos para repassá-las para a iniciativa privada, favorecendo as milionárias empresas imobiliárias.

Com uma medida deste tipo, o controle dos trabalhadores evitaria a constante falta de moradias, que poderá chegar em 1985 a um déficit de 10 milhões de residências.

(Domingos de Abreu)



O operário desempregado Olímpio Fortunato com os filhos sobreviventes, após a tragédia

Pai sem emprego mata os filhos que passavam fome

Dois crianças e um jovem de 26 anos morreram em Goiânia vítimas do desemprego. Olímpio Fortunato da Costa, servente de pedreiro desempregado há quatro meses, num momento de desespero, matou dois de seus cinco filhos afogando-os no rio Meia Ponte. Jurandir Batista Almeida, motorista, cansado de procurar emprego durante três meses, suicidou-se com um tiro no ouvido. Pesquisa revela que cerca de 40% da população está desempregada ou subempregada. E a previsão para os próximos meses é de que 13% dos empregados industriais no eixo Goiânia-Anápolis irão para o olho da rua.

No dia 4, sábado à tarde, Olímpio Fortunato chamou a mulher Ilda e os filhos para irem pescar no poluído rio que corta a cidade. Sem emprego, cansado de comer mandioca com sal e de sair à cata de trabalho, naquele dia Olímpio queria comer peixe assado, nem que fosse contaminado, do rio.

Pegou um saco plástico, uma garrafa de pinga, pôs uma faca na cintura e saíram do seu barraco, numa "invasão" bem distante do centro da cidade. Na margem do rio Meia Ponte, Olímpio, desesperado, bebia e bebia até que veio uma chuva fina e as crianças maiores correram para se abrigar. A mãe continuou com a filha caçula, Patrícia, de seis meses, nos braços e Valmir, de um ano e

sete meses, ao seu lado.

MOTORISTA DÁ UM TIRO NO OUVIDO

O motorista profissional Jurandir trabalhou até abril em Tucuruí, na Construtora Camargo Correa. Há três meses procurava emprego. No dia 8 foi pedir emprego pela segunda vez na empresa Aragararina de transporte coletivo. O gerente lhe disse: "Se for emprego, pode ir embora". À tarde voltou para casa, triste e calado. Sua mãe diz que ele se sentia envergonhado de "viver à toa".

Eram nove horas da noite, Jurandir pegou um "Taurus" 32 e puxou o gatilho, dando fim à vida. Ao seu lado deixou uma carta explicando à família o motivo daquele ato: "Cheguei em Goiânia com vontade de arrumar serviço. Lutei durante três meses para ver se conseguia. Queria casar com a mulher que amo. Construir um lar. Ter filhos. Viver feliz e dar conforto que meus pais merecem. Não encontrando isto, resolvi não lutar contra o mundo. Resolvi me matar. Depois de minha morte não quero choro, mas rosas como presente".

(Da sucursal)

SBPC discute os caminhos da ciência brasileira na Bahia

Durante uma semana a Bahia se tornou o centro da comunidade científica brasileira com a realização da 33ª reunião anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Algumas das principais questões que afetam a sociedade brasileira foram ali debatidas: questão energética, Constituinte, problema do índio e do negro, violência, lei dos estrangeiros, transportes urbanos e outros. O governo também mostrou a sua política obscurantista proibindo a entrada no país de um dos conferencistas, o antropólogo cubano Rafael Lopes Valdés.

não necessita de energia nuclear com urgência e nem está em condições de desperdiçar recursos financeiros na construção de nove usinas. O documento ainda propõe a revisão do acordo nuclear Brasil-Alemanha.

BOAS PUBLICAÇÕES

Diversos estudiosos tomaram conhecimento das mais diferentes publicações expostas nas barracas ali montadas, que dificilmente seriam encontradas em seus locais de estudo ou nas livrarias. Só a Classe Operária, órgão do PC do Brasil, vendia mais de 500 exemplares numa única manhã.

O encontro também refletiu as debilidades existentes em nossa sociedade, onde nem todos os setores puderam se manifestar. Por outro lado, as forças obscurantistas foram rechaçadas pelos participantes: o reitor da Universidade Federal da Bahia foi vaiado e os direitistas que tentaram perturbar a reunião e agredir a UNE foram escorraçados.

De 8 a 13 de julho, no campus da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, os pesquisadores brasileiros apresentaram cerca de 2.700 trabalhos científicos abordando os mais diversos temas. Mas os assuntos que mais atenção chamaram dos 7 mil participantes foram a questão energética e a Constituinte.

O estudo "A SBPC e a energia nuclear", trabalho feito por cinco cientistas, abriu a 33ª reunião. O assunto é polêmico devido aos recentes acordos internacionais para exploração nuclear que o Brasil tem assinado. Na avaliação dos cientistas que elaboraram o trabalho, o país

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo - Capital - Tel.: 36-7531 - CEP 01325.

Sucursais:
Amazonas: Rua 5 de Setembro, 177 - São Raimundo, Manaus - CEP: 69000.
Maranhão: Rua Osvaldo Cruz, 340, sala 404 - (ed. Duas Nações) - São Luiz - CEP: 65000.
Ceará: Rua do Rosário, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP: 70000.
Paraná: Av. D. Pedro I, 1.012 - João Pessoa - CEP: 58000.
Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42, 7º andar, sala 707 - Boa Vista, Recife - CEP: 50000.
Alegres: Rua Fernandes de Barros, 43, salas 05 - Centro, Maceió - CEP: 57000.
Bahia: Rua Pe. Vieira, 5, sala 307 - Centro, Salvador - CEP: 40000.
Minas Gerais: Rua da Bahia, 573, sala 904, Centro, Belo Horizonte - Tel.: 224-6505 - CEP: 30000.
Rio de Janeiro: Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP: 32000.
Goiás: Av. Goiás, sala 2.005 - Centro, Goiânia - CEP: 74000.
Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - Tel.: 225-4601 - CEP: 70317.
Espirito Santo: Rua Duque de Caxias, 112, 1º andar - Vitória - CEP: 29000.
Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 307 - Centro, Rio de Janeiro - CEP: 20241 - Av. Amarel Peixoto, 370, sala 807 - Centro, Niterói - CEP: 24000.
São Paulo: Rua Marechal Deodoro, 943 - Centro, Campinas - CEP: 13400.
Praça Ennes de Silva Melo, 1378 - Piracicaba - CEP: 13400.
Paraná: Rua Barão do Rio Branco, 41, sala 809-A - Curitiba - CEP: 80000.
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52, sala 29 - Centro, Porto Alegre - CEP: 90000.
Av. Julio de Castilhos, 1648 - Caxias do Sul - CEP: 95100.

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjães, Rua Gastão da Cunha, 49, Fone: 531-8900 SP.



Duas mil pessoas contra o prefeito de Santa Luzia

Santa Luzia, MA - Mais de duas mil pessoas participaram de um ato público organizado pelos estudantes, em protesto contra as arbitrariedades do prefeito, do delegado de polícia e de uma diretora de colégio. No ato público os estudantes e professores denunciaram que o prefeito Otávio Rodrigues queria construir um posto médico em frente ao colégio comercial com finalidades políticas. Foram denunciadas as perseguições da diretora do colégio, Maria Heloisa Eriçeira, contra os estudantes que se opunham à obra no local. Dez dias antes deste ato público, os estudantes, junto com a população, haviam feito uma passeata com cerca de 900 pessoas, que parou em frente a casa do prefeito. A multidão foi recebida com dois tiros de revólver e o prefeito não aceitou as reivindicações. Apesar da repressão aos dois atos públicos, os estudantes não se deixaram intimidar.

(Do correspondente)

João Amazonas, dirigente comunista fala aos gaúchos

Porto Alegre, RS — João Amazonas, dirigente do Partido Comunista do Brasil, esteve no Rio Grande do Sul entre os dias 26 e 30 de junho. Além de ser entrevistado pela imprensa e televisão, fez duas palestras, sobre o tema "A classe operária e o panorama nacional". No sábado, dia 27, foi ovacionado por mais de uma centena de operários no Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul. Na segunda-feira, dia 29, falou na Assembléia Legislativa, com o plenário lotado com mais de 600 pessoas, e foi calorosamente aplaudido. Amazonas salientou que: "a organização independente das forças populares, num poderoso movimento de unidade popular, e que atraia as forças democráticas, é a principal maneira de lutar pela substituição do regime militar que infelicitou a nação e a única forma de garantir uma verdadeira Constituinte".



Atáides Borges, o deputado caloteiro

Crime e roubo de rico a justiça de Goiás encobre

Goiânia, GO — A justiça não é cega para as classes dominantes — é a conclusão que se chega em Goiás. No último dia 6, o empresário Waldir Roma, que seria levado a julgamento pelo assassinato de sua ex-amante, fugiu do hospital onde estava internado. A sua prisão já havia sido relaxada pelo juiz e no hospital não havia nenhuma escolta policial para vigiá-lo. O ex-líder do governo na Assembléia Legislativa de Goiás, Atáides Borges, é acusado de dar calotes de mais de 15 milhões de cruzeiros. Mas até agora continua solto e existe até censura à imprensa para não noticiar suas falcatruas. José Américo, irmão de um deputado, há dois anos assassinou a tiros um chacareiro pobre em Aparecida de Goiânia. Após muita pressão em cima dos jurados, o assassino saiu livre do julgamento.

(Da sucursal)

Joinville luta contra a carestia no transporte

Joinville, SC — No mês passado a cidade de Joinville foi palco de grande movimentação social. Os monopolistas do transporte urbano quiseram aumentar as passagens de ônibus de 11 para 16,50 cruzeiros. A população, revoltada se organizou numa verdadeira frente contra o aumento do ônibus.

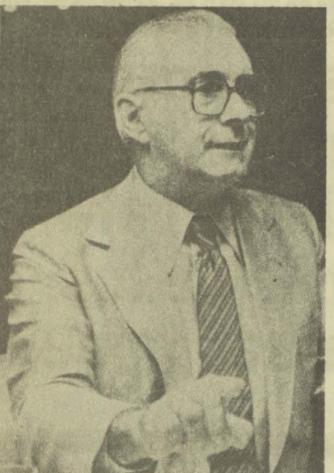
Durante vários dias foram feitas reuniões e panfletagens esclarecendo o povo e cada vez ganhando mais sua confiança. O transporte público em Joinville é dominado por duas companhias, que fazem o que querem, mas dessa vez foi diferente. Elas acabaram tendo que se explicar para a população. O movimento foi organizado pela Associação dos Moradores do bairro Boehmerwald, Sindicato dos Químicos, Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Movimento Contra a Carestia, Pastoral Operária, e várias outras entidades. A mobilização foi tanta, que os patrões resolveram recuar dos 16,50 e aumentaram para 15 cruzeiros a passagem. Também foi conseguido o congelamento por 3 meses desse novo valor.

(Do correspondente)

Feirantes de Manaus querem acabar com a taxa do peixe

Manaus, AM — Mais de cem feirantes se reuniram na Casa do Trabalhador Amazonsense no dia 22 de junho, para elaborar o "Manifesto do Pescado". O feirante compra o peixe e ao entrar no mercado ou feira tem de pagar à prefeitura uma taxa de dois cruzeiros por quilo. Os feirantes estão contra esta taxa, porque dizem que já pagam 2.200 cruzeiros para esta finalidade. Essa foi a segunda reunião. Na primeira aprovaram uma moção de repúdio ao prefeito do PDS, José Fernandes.

(Da sucursal)



Presidente do BNH leva ao caos

Princípios

a teórica, política e de informação Junho/81 - Cr\$ 150,00

A Social-Democracia, Instrumento do Capitalismo

E mais: • O Revisionismo Contemporâneo Nasceu Nos Estados Unidos • Nova Expressão de Força Pela Poder Entre as Celas Revisionistas da China • Eber e Hovl Ideólogos • Tarefas Decisivas para o Fortalecimento da Vanguarda • O que é Democracia Popular? • Colômbia — A Revolucionária Situação do País • O Racismo Viso por Negro de Arica • A Produção de Açúcar e Alcool na Região Campesina • Lima Barreto e a Mística Literária.

2

EDITORA ANITA GARIBALDI

Princípios é uma revista que apresenta assuntos teóricos, políticos e de informação. Aborda, de maneira criadora, a pesquisa científica, particularmente no campo social e do movimento operário, bem como temas como a História, a crítica literária, o progresso da humanidade e da sociedade brasileira.

Preço por Exemplar: Cr\$ 150,00
48 páginas.

Assinatura: 4 números Cr\$ 600,00

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____ Fone: _____

Estou enviando o cheque nº _____ no valor de Cr\$ _____ em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, 44 sala 206 - São Paulo - SP - CEP 01033.



A palestra sobre a Constituinte lotou o plenário



Crise tira do prato do povo a carne e até o macarrão!

Os dados do primeiro semestre comprovaram: a economia brasileira marcha para o colapso. A indústria e o comércio em vez de crescer diminuem. Há sinais de uma crise agrícola de superprodução. E, para completar, um buraco de 20 bilhões de dólares nas contas externas.

O povo brasileiro, preso nas engrenagens da máquina capitalista, recebe em cheio o impacto da crise mundial desse sistema.

É CRISE ECONÔMICA MESMO

Quando a queda da produção começou, na virada do ano (veja o gráfico), os ministros de Figueiredo espalharam que era só um desarranjo passageiro e localizado. E houve até líderes sindicais que, por ingenuidade ou má fé, caíram neste conto-do-vigário.

Agora já não dá para esconder a crise. No ramo automobilístico, o principal da indústria, as vendas caíram de 450 mil para 250 mil no semestre. A partir de abril, a produção global da indústria foi sempre menor que em igual período do ano passado.

É fato que as pequenas indústrias pagam seu preço por isso. A média semanal de falências requeridas na indústria pulou de 62 em janeiro para 85 em junho. Mas no fim quem paga mesmo é a classe operária. Durante o semestre, só na indústria de São Paulo o número de desempregados aumentou em 176 mil.

SUPERPRODUÇÃO NO CAMPO

A situação da agricultura não é melhor. Há sérios indícios de que desta vez a crise de superprodução na indústria vai coincidir com

outra crise de superprodução, na agricultura.

Os preços dos principais produtos agrícolas que o Brasil exporta estão despencando nos mercados mundiais (veja o gráfico). A tonelada de café caiu de 7,5 mil dólares em 1977 para 2,2 mil atualmente. A tonelada de cacau baixou num ano de 3,4 mil para 1,8 mil dólares; a de açúcar caiu de mil para 371 dólares! E como o Brasil vai fazer com a "super-safra" de café para 1981/1982, estimada em 32 bilhões de sacas, a maior em 15 anos?

A super-produção não significa fartura. Quer dizer, no caso, colapso da atividade agrícola, ruína dos camponeses, fome e desemprego para os assalariados rurais.

UM BURACO DE US\$ 20 MILHÕES

Para completar, há o problema das contas externas do país. As taxas de juros impostas pelos banqueiros internacionais não param de subir. Só nos últimos seis meses isto custou ao Brasil nada menos que 2 bilhões de dólares. Já tínhamos que pagar 8 bilhões de juros em 1981, agora pagaremos 10 bi. Mais a amortização da dívida, a conta da tecnologia, etc., fica um buraco de 20 bilhões de dólares para ser coberto num ano!

Tudo isso tem significado coisas muito concretas para o povo trabalhador. Em São Paulo, por exemplo, 582 mil trabalhadores adultos ganham menos que o salário mínimo — mais que o dobro do número de um ano atrás! O consumo de carne caiu 30% no semestre. E até o macarrão, o produto alimentício mais barato, sofreu uma baixa de 10% nas vendas durante os últimos seis meses! São estes os frutos do governo de fome que aí está!

Militares insatisfeitos também exigem a verdade sobre a bomba

O episódio de terror e cinismo do Riocentro causou indignação, inclusive em setores militares. Embora não se possa chamar de inquérito, uma investigação paralela sobre o caso vem sendo feita desde o início, por um grupo de oficiais do Exército, entre eles o coronel Dickson Graef.

O coronel Dickson, ex-chefe de segurança do Riocentro, colaborou com o falecido general Hugo Abreu, que rompeu em 1978 com o regime. Ele se apresentou à Auditoria com provas contra o IPM mentirosas.

O ministro do Exército, general Walter Pires, chegou a defender junto a assessores a punição do coronel.

MAL-ESTAR NA CASERNA

Mas a idéia não foi adiante, até agora, por dois motivos: Haveria manifestações de solidariedade na Vila Militar, por parte de muitos oficiais que sentiriam atingidos. E a repercussão fora dos quartéis seria desastrosa, e o governo tem visível interesse em esfriar o caso.

O mal-estar entre os militares é fruto do impasse político em que o regime se meteu. Muitos praças, e mesmo oficiais, vão se desiludindo. E muitos, depois da bomba no Riocentro, chegam a ter vergonha de envergar a farda.

Nunca as Forças Armadas se viram tão isoladas e desmoralizadas perante a opinião pública, e poucas vezes ficou tão claro como é importante um regime de ampla liberdade para que o povo seja informado da verdade.

“União pela liberdade é o centro da luta do povo contra o regime militar”

Entrevista com João Amazonas

O dirigente comunista e ex-deputado constituinte de 1946 fala com exclusividade à *Tribuna*. Defende o combate vigoroso e aberto ao regime arbitrário — e não o silêncio ou os sussurros — como forma principal de garantir as eleições de 1982.

Alerta os opositoristas que pendem para a conciliação. E anuncia que os comunistas participarão da batalha eleitoral, em frente-única com as correntes e os candidatos comprometidos com o povo e a democracia.



O dirigente comunista expõe suas posições

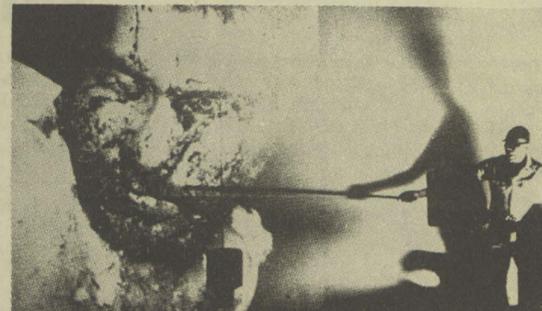
“O IPM do Riocentro chegou à conclusão de que não foi o cachorro que mordeu a criança, mas a criança que mordeu o cachorro”

Como você vê a situação do regime depois da bomba do Riocentro e do IPM divulgado pelo Iº Exército?

A rigor não se pode falar em termos de antes e depois do atentado do Riocentro. Porque o fato em si não muda o rumo da orientação seguida pelo regime militar. Mas o atentado e as conclusões do IPM causaram tal impacto na opinião pública que será difícil dizer que nada mudou na situação geral do país. O povo brasileiro se deu conta mais claramente de quem manda aqui — os generais reacionários — e dos processos que utilizam para manter-se no poder. Constatou também o quanto é falsa e desprezível a

demagogia de Figueiredo.

Os generais fazem e desfazem a seu bel-prazer. Tripudiam sobre a nação. Falam em “abertura” quando isto convém aos seus desígnios continuistas. Porém o método preferido, o único que pode mantê-los no poder, é a violência contra o povo, a completa impunidade dos mandantes e executores de crimes como os cometidos na OAB, na “Tribuna da Imprensa”, no Riocentro. De contrapeso impõem à Justiça Militar condenar jornalistas, sindicalistas, religiosos e enquadrar médicos, radialistas, parlamentares, trabalhadores e estudantes na famigerada Lei de Segurança Nacional.



“Com o IPM o povo constatou quem manda aqui: os generais”

“Tenho a impressão de que alguns partidos perderam a visão nacional da luta contra o sistema”

Qual deveria ser a atuação das oposições?

Nestes últimos 15 anos tem havido eleições em colégios eleitorais pré-fabricados, de onde saíram os Figueiredo, os Maluf, os Francelino e outros. O regime, de fato derrotado pelo isolamento em que se encontra, julga que terá de sair vitorioso das urnas, custe o que custar... É a condição para que hajam eleições!

Tudo isto mostra que o centro da luta do povo brasileiro é o combate democrático e unitário para acabar com o sistema oligárquico do poder, para conquistar a liberdade a mais ampla possível a fim de que o povo trace os seus próprios destinos.

Tenho a impressão que alguns partidos ditos de oposição perderam a visão nacional da luta contra o sistema dominante. Não vêm nada além dos horizontes regionais. Vivem enfiados na política do campanário, nas articulações e composições eleitorais de cada Estado. Contentam-se com a perspectiva minúscula de conseguir posições nas

governanças estaduais e pensam que o eleitorado seguirá docilmente seus passos. Chegam mesmo, para obter o beneplácito dos quartéis, a atacar os setores mais combativos da frente de luta democrática e antiditatorial. Aparecem, assim, como reacionários e não como democratas. Em última instância são conciliadores.

Conseguirão seus objetivos? Ou preparam com isto uma derrota? O povo brasileiro, em passado recente, deu milhões de votos ao MDB. Principalmente porque esta legenda expressava a oposição decidida e unitária à ditadura militar. Atualmente, o povo avançou mais ainda e a indignação popular expandiu-se. Isto quer dizer que exige muito mais dos partidos legais para dar-lhes o seu voto. Esta nossa atitude não é uma condenação de tais partidos que representam forças inconsequentes. É uma crítica, e um alerta. Por esse caminho, ajudarão aqueles que a maioria da nação condena com razão.

“Figueiredo nada resolve, nada decide, nada soluciona. Seu governo perdeu toda credibilidade”

E a posição do general Figueiredo?

O governo Figueiredo perdeu toda a credibilidade entre amplos setores da população. Suas palavras nada significam, ou melhor, significam o contrário do que ele afirma.

Garantiu a realização de eleições municipais em 1980; ato contínuo prorrogou os mandatos de prefeitos e vereadores. Declarou-se partidário de devolver ao Congresso suas prerrogativas fundamen-

tais; em seguida mobilizou todo o PDS, pela “persuasão” oficial ou pela barganha de vantagens pessoais, para se opor à emenda que assegurava a volta dessas prerrogativas. Disse que a crise era invenção de mal intencionados; e o desemprego cresceu (seis milhões em todo o país), a produção industrial caiu ou estagnou, muitas obras foram paralisadas. Anunciou que identificaria e puniria os responsáveis pelo atentado contra a OAB; nada aconteceu. Nos dias seguintes à explosão do Riocentro, seu líder no Senado, falando em nome do governo, dizia que os fatos seriam apurados rigorosamente, doesse a quem doesse, e os terroristas seriam castigados; não demorou muito para que o IPM do Iº Exército chegasse à conclusão que não foi o cachorro que mordeu a criança, mas a criança que mordeu o cachorro...

Agora Figueiredo esgoela-se no Rio Grande do Sul afirmando categórico que “vamos para as eleições” em 1982; e todo mundo sabe que ele deixou sobre a mesa do ministro da Justiça o pacote de casuismos eleitorais. Figueiredo nada resolve, nada decide, nada soluciona.



Figueiredo perdeu o crédito

“Para que haja eleições é preciso acima de tudo combater com energia o arbítrio”

Neste quadro, o que você pensa das eleições de 1982?

Não se pode esperar grandes coisas das eleições anunciadas para 1982 se não se modifica o quadro político atual. Nem mesmo se pode garantir que haverá eleições. Há partidos e lideranças partidárias que as consideram como o centro de sua atuação. Tudo se deve fazer — dizem eles — para que saiam as eleições... Não se deve aterrorizar, confrontar, fazer qualquer coisa que possa exasperar os governantes, para que haja eleições.

Considero falso semelhante posicionamento. Para que haja eleições é preciso, antes e acima de tudo, combater com energia o arbítrio, desmascarar os conluios contra a liberdade, denunciar a impuni-

dade dos terroristas, reclamar os direitos do povo, protestar contra os abusos e violências da esfera oficial, exigir enfim, o término do regime militar.

É certo também que se deve lutar por eleições livres como forma de mobilizar e esclarecer o povo contra o continuísmo. O silêncio ou o simples sussurro em torno destas questões, ao invés do combate vigoroso e aberto, só faz estimular a reação. A verdade é que, por parte desses partidos e lideranças, é fraco, para não dizer fraquíssimo, o protesto contra a apreensão de jornais, contra a prisão de grevistas, contra a intervenção nos sindicatos, contra o crescimento do desemprego, contra o assassinato diário de populares pela polícia. É fraca a denúncia política em relação ao regime.

“Defendemos a criação de um poderoso movimento de unidade das grandes massas do povo”

Como o PC do Brasil atua nestas eleições?

Os comunistas defendem a criação de um poderoso movimento de unidade popular, tendo à frente a classe operária. É disto que depende, em boa parte, o rumo correto para conseguir a verdadeira saída que a situação do país reclama. As massas

populares não podem ficar na dependência do que pensam e fazem os dirigentes dos agrupamentos partidários legais. Necessitam criar o seu próprio instrumento de ação política, independente, e de oposição efetiva. Um instrumento mais amplo que os partidos existentes, reunindo as grandes massas do povo.

“Os comunistas buscarão formas de participar dos pleitos e saberão marchar em frente-única”

Mas, e sobre a participação do PC do B no processo eleitoral propriamente dito?

Não somos alheios ao processo eleitoral. É uma frente de luta que tem certa importância. Embora não dispondo de legenda própria devido à falta de liberdade no país, os comunistas buscarão formas adequadas de participar em todos os níveis dos pleitos que vierem a ser convocados. E saberão marchar em frente-única com as correntes, os candidatos e agrupamentos que se comprometam a defender o povo e a democracia.

Esta frente-única, para nós, significa unidade e luta. Natu-

ralmente, não marcharemos com qualquer um. Levamos em conta, em nossas alianças temporárias, não apenas o combate comum pela liberdade e contra a reação, em defesa dos trabalhadores e do povo, como também os interesses fundamentais do proletariado. Neste sentido, não perdemos de vista que certos partidos que procuram implantar-se na classe operária representam, a médio e longo prazo, perigo para a unidade política dos trabalhadores, para o desenvolvimento de sua consciência de classe, para o impulsionamento da luta pelo socialismo.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Que socialismo é esse, Lula?

Luis Inácio da Silva agora resolveu que deve definir-se ideologicamente. Disse à *Folha de S. Paulo* que não tem dúvida de que o seu PT “é um partido que tem efetivamente um objetivo socialista. Só falta discutir — prossegue Lula — que tipo de socialismo é mais importante”. E conclui: “Nós não queremos que a pessoa que ganhe bem, que tenha privilégio hoje, perca com isso”. Com essa definição e com o seu “tipo” especial de socialismo, Lula joga mais gasolina na fogueira da confusão ideológica, que já é grande, no Brasil e no mundo.

SOCIALISMO NÃO É SABONETE

Não é possível cada um escolher seu “tipo” de socialismo, como escolhe sua marca preferida de sabonete. O socialismo é um sistema econômico, social e político definido, destinado pela história a substituir o sistema capitalista que apodrece. Ele não varia de “tipo” conforme o gosto do freguês. É ditado pelas leis objetivas do desenvolvimento social as leis inflexíveis da luta entre as classes e da revolução.

No capitalismo, a humanidade está dividida basicamente em duas classes. Uma é a dos burgueses — donos das fábricas e outros meios de produção, do próprio governo e todos os privilégios. A outra é a dos proletários — aqueles que nada possuem exceto a sua força de trabalho e têm que vendê-la aos burgueses em troca do salário.

BURGUESES E PROLETÁRIOS

Isto é verdade tanto para o capitalismo “selvagem” do Brasil como para o capitalismo “civilizado”, da Suécia por exemplo. É inegável que os operários suecos têm um nível de vida bem superior. Porém lá como aqui existe o mesmo abismo entre a classe dos burgueses, que possui os meios de produção, e a dos proletários, que tem de vender sua força de trabalho para viver. Por

isso, lá, como aqui, existe exploração, crise, desemprego, carestia. E também greves, manifestações, luta de classes entre explorados e exploradores.

O FIM DOS PRIVILÉGIOS

Com o desenvolvimento do capitalismo, a propriedade privada dos meios de produção concentra-se cada vez mais. Hoje, cerca de 500 empresas multinacionais monopolizam mais da metade da produção industrial do mundo inteiro! Do outro lado, aumenta a legião proletária dos que nada possuem. Em certas ocasiões, a minoria capitalista é forçada a ceder algumas migalhas à multidão dos deserdados. Mas a tendência geral é para a concentração da propriedade, das riquezas e privilégios.

Um dia soa a hora do ajuste de contas. A massa espoliada levanta a cabeça. Arrebata o poder político dos espoliadores. Os privilégios rolam por terra, a começar pela fonte de todos os outros, que é a propriedade capitalista dos meios de produção. Passa a vigorar a lei dos trabalhadores: quem não trabalha não come! É a isto, em linhas gerais, que se chama socialismo.

AONDE VAI A LINHA DE LULA

Quando Lula fala num “socialismo” que não toca nos privilégios dos capitalistas, esconde estas questões. Transforma a vitória final dos explorados sobre os exploradores num acordo de gabinete para manter a exploração dentro de limites “civilizados” e “convenientes”, à moda sueca.

Durante sua recente visita à Europa, Lula declarou à revista *Mondoperaio*, do partido social-democrata italiano, que o socialismo do qual se sente mais próximo é “aquele dos países escandinavos, que vocês chamam de social-democrático”. Agora repete isto no Brasil, com outras palavras e alguns meses de atraso. Pode-se duvidar, depois disto que o PT de Luis Inácio da Silva é uma agência da social-democracia no Brasil?

Teses pela unidade e luta para a Conclat

Aproxima-se a data de realização da CONCLAT. Seis sindicalistas divulgaram esta semana um documento contendo uma política de unidade e de luta para esta reunião. São 5 teses sobre os temas centrais.



Eles defendem uma Central Única dos Trabalhadores e mostram que o pluralismo não serve ao movimento operário. Defendem que a liberdade sindical está ligada com o fim do regime. E propõem uma plataforma para unir as lutas dos trabalhadores.

A preparação da CONCLAT aos poucos vai ganhando força. Apesar dos obstáculos colocados pelo regime militar e de certos sindicalistas interessados em manter as coisas nas cúpulas, as bases operárias querem ter voz. Um metalúrgico de Ijuí, no ENCLAT do Rio Grande do Sul, afirmou: "se nós não nos acordarmos, vão nos esmagar cada vez mais!"

TESES PARA A CONCLAT

Nesta última semana, 6 sindicalistas tomaram a iniciativa de divulgar um documento com teses sobre os assuntos centrais do CONCLAT. Os temas escolhidos e a própria maneira de abordá-los, indicam que eles pretendem um encontro de luta e não de debates estéreis.

Ao invés de longas dissertações abstratas, as teses analisam os pontos centrais que interessam o movimento sindical: Pela organização unitária dos trabalhadores; Pela liberdade e autonomia sindical; pela estabilidade e contra o desemprego; Pela reforma agrária radical; Por amplas liberdades políticas.

O documento é assinado por: Raimundo Guerreiro, presidente do sindicato dos metalúrgicos de Fortaleza, Carlos Pompe, diretor do sindicato dos radialistas de Alagoas, Vania Ribeiro, dos arquitetos de S. Paulo, Antonio Guerreiro, dos metalúrgicos de Ribeirão Preto, Waldomiro de Souza, dos trabalhadores rurais de Jequié, e Washington de Souza, dos eletricitários da Bahia, cassado.

UNIDADE PARA A LUTA

Em todas as teses o que transparece é a preocupação com duas questões: fazer da CONCLAT uma reunião de luta contra a tentativa dos patrões de jogar as consequências da crise sobre trabalhadores. E defender a unidade do movimento sindical contra as manobras revisionistas e cupulistas.

Logo na primeira tese eles assinalam que "a força da classe operária está na sua coesão". E mostram que vem de longe a luta unitária dos trabalhadores, contra a estrutura fascista imposta pela burguesia e agora contra as idéias pluralistas de social-democracia. Elas sublinham que a unidade não é a soma das diversas tendências de cúpula, como querem os reformistas e pelegos. Mas ao mesmo tempo que não interessa que cada uma faça a unidade na "sua" entidade separada, como pregam os revisionistas. A democracia sindical se exerce através de manifestação das diversas correntes dentro de um único movimento sindical e de uma Central Única dos Trabalhadores.

PROGRAMA PARA A GREVE GERAL

As teses mostram que a situação atual exige avançar das manifestações isoladas em cada fábrica para os grandes embates abrangendo as diversas categorias. E das lutas locais para as articulações de nível nacional. Apontam várias reivindicações que unem as lutas de todos os trabalhadores, tais como: fim das intervenções nos sindicatos e repúdio à Lei de Segurança Nacional; estabilidade no emprego e seguro desemprego; semana de 40 horas sem redução de salário; salário mínimo real e igual em todo o país; direito de greve.

Neste momento, em que cada vez mais se fala na greve geral, este programa pode servir para orientar uma campanha nacional unificada. E esta forma de luta pode passar da colocação demagógica e abstrata de alguns sindicalistas para o terreno da prática concreta.

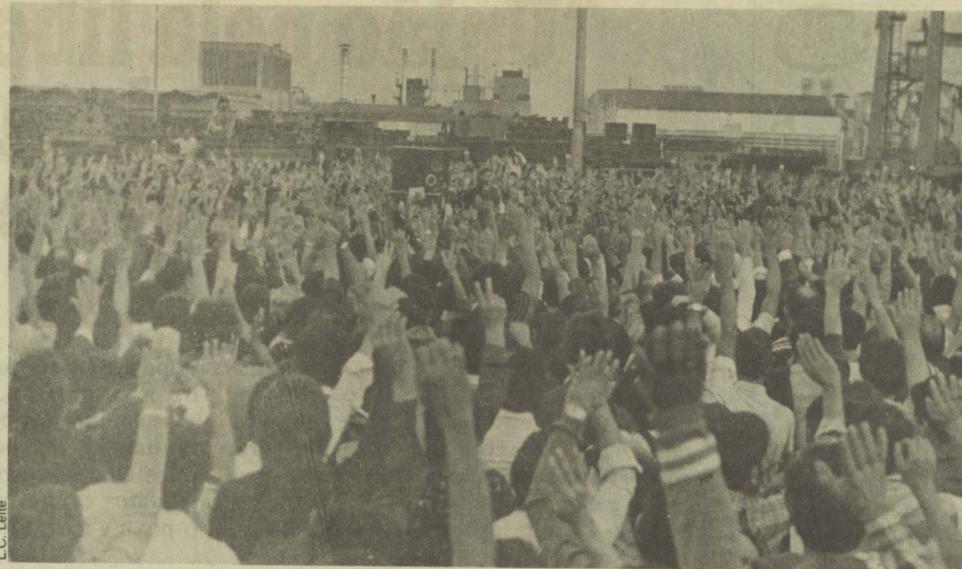
O documento considera também a grande participação dos sindicatos rurais na CONCLAT. Uma das teses destacadas é a da reforma agrária radical. E mostra que a luta para romper o monopólio da propriedade da terra é condição essencial para dar ao homem do campo condições dignas de existência.

UMA POLÍTICA PROLETÁRIA

O documento assinala que os problemas fundamentais dos trabalhadores decorrem da orientação política, econômica e social adotada pelos generais desde 1964. E que a proibição das greves, a intervenção nos sindicatos, a política de arrocho salarial, e a condenação de qualquer oposição consequente pela Lei de Segurança Nacional, é fruto da política do regime para proteger os interesses capitalistas e imperialistas.

A última tese indica "a necessidade do fim do regime e a sua substituição por outro, caracterizado pela vigência de amplas liberdades, e que convoque uma Assembléia Nacional Constituinte para discutir e decidir sobre todas as questões da vida nacional".

E conclui: "A bandeira da Constituinte, precedida do fim do regime, com liberdades democráticas em vigor e asseguradas por um governo provisório, é a que coloca em questão o poder, exigindo a deposição dos generais".



No dia 13 os operários em assembléia fugiram pela primeira vez ao controle de Lula.

Greve na Ford terminou sem barrar as demissões

A greve dos nove mil metalúrgicos da Ford de São Bernardo, no ABC, terminou na tarde do dia 14, sem alcançar seus objetivos: a readmissão dos 450 demitidos e a estabilidade por 12 meses. Com a volta ao trabalho, foi negociado o reconhecimento pela Ford de uma comissão de fábrica dos operários. E a estabilidade por 4 meses

Já na madrugada do dia 13 os operários, em assembléia no pátio da empresa, votaram pela volta à produção. Neste dia o Tribunal Regional do Trabalho julgaria a paralisação. A assembléia, seguindo recomendação de Lula, aceitou recuar. Delegou a uma comissão o poder de negociar com a firma as reivindicações. Só que com as máquinas já funcionando.

24 horas após, os metalúrgicos do turno da manhã voltaram a decretar greve — contra a vontade de Lula — para vencer a intransigência dos patrões. Horas depois o TRT reuniu-se e decretou, por 15 votos contra 2, a ilegalidade da paralisação. Na assembléia da tarde, com cerca de 5 mil presentes, foi decidida a volta definitiva ao trabalho.

"UMA MÃO LAVA OUTRA"

A greve mostrou a coesão e combatividade dos trabalhadores da Ford, que saíram em defesa dos companheiros demitidos. Um fer-

ramenteiro comentou para a Tribuna: "Eu vi muitos companheiros, quando receberam a carta de dispensa, chorando. Também do jeito que a coisa tá preta lá fora, sem emprego não é fácil. A gente não podia ficar quieto. Afinal, amanhã podíamos ser nós os demitidos. E uma mão lava a outra".

Mas a direção da greve, exercida por Lula e a Junta Governativa, apresentou grandes debilidades. "Nós ficamos sozinhos, isolados do resto do mundo", reclama um metalúrgico do setor 9.502, de dis-

positivos. Vários metalúrgicos, que participaram ativamente da greve, criticam a maneira passiva como ela foi conduzida. Os operários ficaram de braços cruzados dentro da firma. Mesmo a passeata que fizeram foi no interior da empresa. Não se buscou a solidariedade.

Também não houve esforço de estender a greve para outras fábricas. Outras firmas no ABC estão

demitindo ou prometendo dispensas. É o caso da Mercedes, onde cerca de 20 trabalhadores são colocados na rua por dia. E da Volks, que depois do não coeso dos operários contra a redução de salários, concede novas férias coletivas e volta a falar em demissões. Nas duas firmas há ânimo para greve.

120 DIAS ESTÁVEIS

A direção da greve nem pensou em convocar uma assembléia de toda a categoria. Sequer soltou boletins nas portas das outras fábricas. Mas os corajosos operários da Ford não se acomodaram. Mesmo na assembléia do dia 14 muitos falavam em continuar a greve. "Agora que nós entramos na chuva é para se molhar", comentava um peão da Usinagem.

Agora os operários estão mais vigilantes. Só aguardam novas demissões ou greve em outra fábrica da região, para protestarem. E contam com os 120 dias de estabilidade, o que facilita a luta. Como disse Messias: "Esta luta é difícil. E só tem uma solução: é tirar aqueles chupões que estão lá no Planalto, colocando os caras para derrubar árvore na Amazônia. A falta de governo é que leva a esse desemprego".

Isolamento e passividade foram os pontos débeis da paralisação

A greve da Ford contra a demissão de 450 operários é a segunda de uma nova onda grevista, agora contra o desemprego. A primeira foi a da Fiat do Rio, com uma paralisação de 42 dias.

Mas nenhuma das duas paralisações conquistou o reivindicado. Tanto uma como a outra ficaram isoladas. Suas direções pouco fizeram para ampliá-las. No Rio os metalúrgicos ainda saíram à rua, fizeram passeatas e atos públicos. No ABC a greve não saiu de dentro da fábrica.

O conjunto da categoria não foi mobilizado. Tudo recaiu sobre os operários de cada empresa isoladamente. É como diz Alemão, metalúrgico de São Bernardo e membro da Chapa 2: "O Lula jo-

gou nas costas dos companheiros da Ford todo o peso da luta contra o desemprego. Eles não lutaram só contra a Ford, mas contra todos os patrões unidos e o governo".

A palavra de ordem "demitiu, parou" é justa, mas requer um complemento: "Um por todos e todos por um". Um operário do setor 9.520, da Ford, disse bem: "Esse negócio de fazer greve na Ford porque ela demitiu hoje, depois fazer na Mercedes, e assim vai, sem unir todo mundo, não dá certo. Os patrões não são bobos e vão demitir aos pouquinhos e pingado. E nós vamos fazer greves aos pouquinhos, sem força".

Isto não quer dizer que não se deva decretar greves por empresa.

Os operários fizeram muito bem ao parar a produção. Os pelegos e reformistas dizem que este não é momento de greves, por que trariam mais desemprego. Utilizam a tática do avestruz. Ou seja: são atacados e escondem a cabeça. Outros jogam água fria na greve concreta, prometendo demagogicamente uma greve geral, só que sem qualquer definição.

A longa experiência do proletariado prova que a greve é uma arma poderosa. Mas o momento exige que estas não fiquem isoladas. A generalização da luta e a definição de uma plataforma concreta de reivindicações pode levar a uma greve geral realmente eficaz.



Osmarinho



Alemão



Batista

Lula tentou utilizar a luta para não perder as eleições

Osmarinho, encabeçador da Chapa 2 que concorre às eleições no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, fez forte denúncia à Tribuna: "O Lula tentou tirar proveito eleitoral da greve da Ford, fortalecendo a chapa 1". Osmarinho se apóia no fato de que nas assembléias da Ford Lula não deu a palavra aos sindicalistas que defendiam uma greve ativa e ampla. Isto com o

pretexto de não dividir a categoria.

Batista, vice-presidente da Chapa 2, completa: "Se o Lula é a favor da greve quando há demissões, porque ele não fez nada quando a Bras-temp demitiu quase duas mil pessoas? Ou quando a Volks jogou 10 mil pra rua? Agora em época de eleições ele toma a dianteira, erradamente, para se projetar. E joga a

greve num beco sem saída".

Em mais este embate, o da Ford, ficou provado que o sindicalismo que Lula propõe já está ultrapassado.

É uma direção vacilante e falha que não arma a categoria para a luta contra a crise econômica, já que considera que ela não existe. Tudo é forjado, segundo Lula.



TRABALHADORES EM MARCHA

Violência e golpe do quorum causam intervenção no Sindicato do Cabo

Canavieiros, PE (I). Por mais algum tempo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Cabo vai continuar fora das mãos da categoria. O pelego que o dirigia preferiu entregar a entidade ao Ministério do Trabalho que aceitar a vitória da Chapa 2 nas últimas eleições.

Houve três escrutínios seguidos, todos os três escandalosamente fraudados pelos pelegos para não dar quorum. Para começar, fizeram uma lista-fantasma de votantes, cheia de defuntos e gente que nem trabalha mais na lavoura. No primeiro escrutínio amarraram as urnas até não dar quorum. Convocaram então o segundo, para o dia seguinte, que era dia de tra-

balho, e também não deu quorum. Veio então o terceiro escrutínio, e aí entraram até policiais, pistoleiros e patrões armados, que na Usina Bom Jesus ameaçaram passar chumbo em qualquer opositor ou na FETAPE, se tentassem entrar. Resultado: faltou quorum outra vez e veio a intervenção.

Mas os valentes trabalhadores rurais do Cabo entram em assembléia geral permanente, conseguiram libertar o tesoureiro da Chapa 2, preso arbitrariamente. E prometeram que dentro de 90 dias, quando houver nova eleição, nada impedirá a retomada do Sindicato.

(da Sucursal)

Canavieiros preparam sua campanha com grande congresso sindical

Canavieiros, PE (II). Os 250 mil trabalhadores da cana em Pernambuco estão dando mais força à preparação do I Congresso de Delegados Sindicais da Zona da Mata, a realizar-se em setembro, com representantes dos engenhos e arruados de 42 municípios. No dia 16 último dois grandes encontros, em Carpina e Ribeirão, congregaram um total de 230 delegados de 24 municípios, sob a liderança da

FETAPE. Foi definida ali uma vasta proposta para discussão preparatória do Congresso, tratando desde o problema da mulher até o da aliança operário-camponesa.

Mas a questão que vai polarizar o Congresso é a campanha salarial, que será logo depois e no ano passado levou a uma bem sucedida greve nos canaviais.

(da Sucursal)

Em Feira os metalúrgicos querem sindicato contra o desemprego

Desemprego em Feira, BA. Feira de Santana também foi contagiada pela febre patronal das demissões. Só a Peteco Nordeste já demitiu mais de 150 operários. A Metalomecânica também está dispensando muita gente, enquanto a Pneus Tropical demite aos poucos, "para evitar repercussão na imprensa", como denunciou um operá-

rio. Recentemente, um caminhoneiro entrou em desespero e suicidou-se na cidade. Não achava nenhuma carga.

Mas os operários não deseperam. Os metalúrgicos, principalmente, já falam em fundar o seu Sindicato para enfrentar com luta a ofensiva patronal.

(da Sucursal)

Programa do governo contra a seca não atende flagelados nordestinos

Iguatu, CE. Quando não é a seca é a enchente, no Nordeste sempre flagelado. No último dia 22, um grupo de 70 homens, famintos e sem emprego, foi à prefeitura de Iguatu pedir emprego e voltou só com uns poucos mantimentos. Quem fez a distribuição foi a polícia, que mandou que ninguém voltasse antes de duas semanas. Mas três dias

depois cem agricultores voltavam igualmente famintos.

Praticamente nenhum dos flagelados de Iguatu está alistado no Programa de Emergência do governo. Em 1979 os alistados eram 6 mil, em 1980 apenas 1.560 e este ano menos de mil. Como então o povo vai viver?

(da Sucursal)

Com reunião de 150 trabalhadores nasce o sindicato de Cachoeira

Camponeses, BA. No primeiro domingo de julho os trabalhadores rurais de Cachoeira fundaram seu Sindicato. A assembléia, com 150 pessoas, elegeu uma diretoria provisória. Dois diretores da FETAC estiveram presentes. O velho líder Mário Melo,

muito aplaudido, declarou na ocasião: "É preciso fazer a reforma agrária radical e urgente no Brasil. É preciso tomar as máquinas agrícolas das mãos dos latifundiários e botar estas máquinas a serviço dos camponeses".

(da Sucursal)

Advogado do sindicato processa o presidente da chapa 3 de Caxias

Metalúrgicos, RS. O Dr. Valmor Witky, advogado do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul, em vez de defender os operários está processando um deles, Jonas Chaves, que ainda por cima é candidato pela Chapa 3 à pre-

sidência da entidade, nas eleições de agosto! A jogada do doutor é processar Jonas para impugnar sua candidatura entrando a renovação do Sindicato.

(da Sucursal)

No Rio Grande os plantadores de arroz condenam modelo econômico

Orizicultores, RS. Os plantadores de arroz de 24 municípios gaúchos estão em plena mobilização contra a política agrícola do governo. Estacionaram suas máquinas no centro das cidades e realizaram um Congresso em Rio Grande, onde decidiram manter o protesto até o dia 27. Um dos líderes do movimento, Nilton

Grill, declarou à TO que sua luta decorre "de um modelo econômico que não atende aos interesses nacionais". Agentes do PDS tentaram em vão colocar um freio no protesto. É que mesmo os setores abastados de agricultores do sul, com a crise, afastam-se cada vez mais do governo.

(da Sucursal)

Gradiente de Manaus sem condição de trabalho para suas operárias

Metalúrgicas, AM. As operárias do Gradiente, em Manaus, estão revoltadas com as condições de trabalho e com 15 panheiros para mais de mil trabalhadores — um ambulatório que só recebe "anador", ônibus com vidros quebrados;

almoço gelado. Mas se isso continuar, logo os patrões do Gradiente vão saber que a classe operária amazônica é jovem mas sabe lutar por seus direitos.

(da Sucursal)

Levantamento

Morte e emboscadas marcam Estado do Rio

Mais de mil posseiros do Rio de Janeiro fizeram manifestação em frente ao INCRA no dia 15 de junho. Com a participação da FETAG e da CONTAG foi entregue

uma pauta de reivindicações ao coordenador do INCRA. Os conflitos de terra em todo estado já atingem um terço dos municípios, 59 fazendas e mais de 30.000 pessoas.

Os pontos principais da pauta entregue ao Sr. Antônio Ventura, coordenador regional do INCRA, foram: desapropriação imediata das terras em conflito, assentamento definitivo das famílias de trabalhadores rurais com acompanhamento dos Sindicatos; titulação definitiva das terras em posse dos trabalhadores. No mesmo documento, os trabalhadores rurais reconhecem que "a única forma definitiva para combater o atual flagelo do desemprego e aumentar a oferta de alimentos de primeira necessidade, é a Reforma Agrária, ampla e com a participação dos trabalhadores rurais".



Na faixa a solidariedade aos posseiros de Macacá

No fim da manifestação os posseiros foram firmes: "se esta vez o INCRA não responder às nossas reivindicações e der uma solução para todo esse problema, terá acabado de vez nossa paciência. Vamos partir para uma luta mais forte, vamos entrar na favela".

CRIMES SEM CASTIGO

Em Novembro de 1979, um dos parceiros da fazenda Macacá, em Rio Bonito, José Ferreira Nunes Filho, foi assassinado, em plena luz do dia, quando ajudava outro companheiro a transportar duas mercadorias para vendê-las. José foi morto pelo teto do administrador da

fazenda. Tanto José, como seus companheiros lavradores, lutavam para pagar ao proprietário o que está estipulado no Estatuto da Terra, mas o fazendeiro os ameaçava, exigindo sempre uma cota maior. O assassino foi denunciado às autoridades locais, mas até agora está solto e nada lhe aconteceu.

Os posseiros também sofrem violentas perseguições policiais. Verdadeiras operações de guerra são efetivadas por enormes contingentes policiais. No último dia 28 de abril, por exemplo, policiais do DGIE e da PM levaram presos 70 lavradores para o DPPSA (Departamento de Polícia Política e Social), onde ficaram detidos por mais de 30 horas, além de perde-

rem seus instrumentos de trabalho. Esses trabalhadores são integrantes de 300 famílias que ocuparam algumas terras pertencentes ao Ministério da Agricultura, abandonadas há mais de 17 anos.

UM DIREITO SAGRADO

As autoridades justificam as perseguições dizendo que as terras não são propriedade dos trabalhadores. Mas o que acontece é que são terras abandonadas que pertencem a União ou já foram desapropriadas pelo Governo Federal. O presidente da FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) diz: "O que os trabalhadores estão fazendo é, pressionados pela fome, tentar escapar da criminalidade e da prostituição, a que se vêem compelidos quando expulsos para a cidade. Cultivar uma terra abandonada é uma forma de garantir o sustento de famílias numerosas".

Mas as autoridades procuram manter a terra abandonada e improdutivo, jogando milhares de pessoas na miséria. Nos últimos três meses já houve inúmeros casos de violências, ameaças, destruição de lavouras e casas. Os trabalhadores de Japuí e Porto Velho enfrentaram com coragem a violência policial. Os policiais, dirigindo tratores, estavam destruindo as plantações. Os trabalhadores deitaram-se no chão, na frente das máquinas, e conseguiram evitar a destruição.

(da Sucursal do Rio de Janeiro)



Reforma Agrária é apoiada com entusiasmo nas manifestações

Passeata e assembléia contra indústria da seca no Maranhão

No fim de junho, 800 trabalhadores de Coroatá, fustigados pela seca, decidiram numa assembléia sindical que não vão pagar renda nenhuma aos fazendeiros, que todos os assuntos dos trabalhadores devem ser tratados com o sindicato e não com o patrão. Além disso exigiram do Governo água e decretação do estado de calamidade.

A seca destruiu 90% das roças de Coroatá, mesmo assim os grandes proprietários que não cobram renda. Isso acontece nas terras dos deputados PDS Vitor Trovão e José Amar.

Em Vargem Grande os lavradores fizeram um abaixo assinado e uma passeata com mais de mil pessoas, exigindo

a decretação de emergência, a exemplo do que já foi feito em 62 em municípios vizinhos.

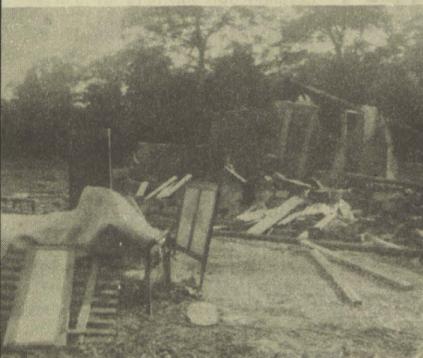
O Governo se apressou em dispensar os impostos dos grandes proprietários, enquanto o simples lavrador fica na miséria sem água nem para beber.

(da Sucursal de São Luís)



Passeata em Vargem Grande

Em Tapiramutá a empresa Mangine espalha a destruição e o terror



Em Tapiramutá, na Chapada Diamantina, a 340 km de Salvador, os grandes latifundiários, atraídos pelas terras férteis e próprias para o plantio do café, estão tentando grilar as terras dos pequenos proprietários.

O posseiro Raimundo Bispo dos Santos já foi duas vezes vítima dos jagunços da empresa Mangine, de São Paulo. Em janeiro os jagunços queimaram um rancho de palha, destruíram uma casa de telhas, cortaram toda cerca e ainda deram vários tiros em um tanque. Raimundo, com muito esforço, reconstruiu a cerca, plantou trinta tarefas de feijão e milho, financiado pelo banco e preparou o terreno para plantar café. Os jagunços voltaram novamente e destruíram tudo.

A questão está na justiça, que até agora não resolveu nada. Raimundo tem os documentos de posse e está disposto a garantir suas terras.

(do Correspondente em Tapiramutá, BA)

Falso socialismo na Iugoslávia massacra 300 albaneses (IV)

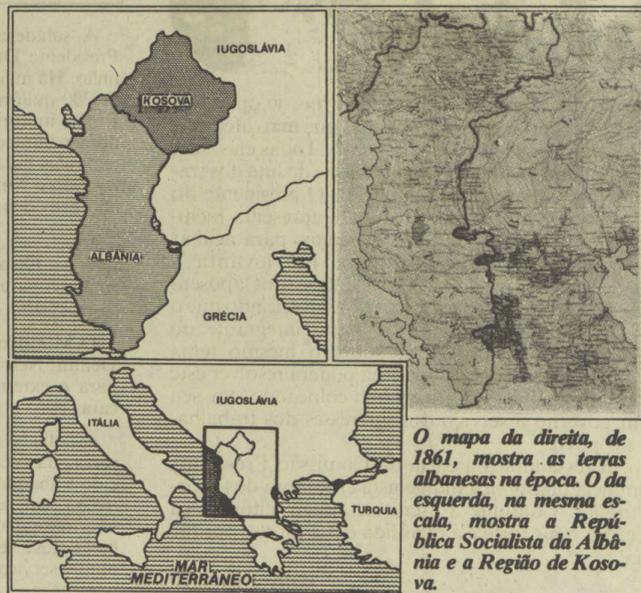
No último mês de março o governo iugoslavo desencadeou uma verdadeira guerra contra os albaneses da região de Kosova — 300 mortos. Incapaz de resolver o problema do desemprego e do atraso, recorre à força bruta para sufocar a insatisfação popular. São incentivados pela URSS que espera lucrar com os conflitos na região.

Não é só a Europa Ocidental que é abalada pela crise capitalista. Também os países da Europa Oriental que abandonaram o caminho do socialismo e restauraram a exploração estão sendo afetados. Na Bulgária a produção agrícola de 1980 diminuiu em relação à de 79. Na Hungria, nos dez primeiros meses de 1980, a indústria teve uma queda de 2,4% em relação à igual período de 79. Na URSS a produção industrial foi 70 milhões de rublos inferior à meta prevista. A dívida destes países com os banqueiros ocidentais já chegou a 80 bilhões de dólares.

A Iugoslávia foi o primeiro país a abandonar o caminho socialista e é onde se manifestam mais profundamente as chagas típicas do capitalismo. De março de 1980 a março de 81 a inflação foi de 48%. O número de desempregados se aproxima de 1 milhão. A URSS tenta aproveitar-se desta situação de instabilidade e insufla os conflitos com os países vizinhos, em particular com a Albânia Socialista. Dentro destes planos belicistas, diversas vezes as frotas de guerra soviéticas visitam o mar Adriático.

LEVANTE POPULAR EM KOSOVA

Kosovo, com dois milhões de habitantes, dos quais 85% são albaneses, é a região mais atrasada do país. Historicamente é território albanês, mas foi incorporada à Iugoslávia pelas potências imperialistas em 1913. Sua renda per capita é 6 vezes menor que a da Eslovênia. Um em cada seis trabalhadores está desempregado. Cerca de 110 mil tiveram que emigrar para servir de mão-de-



O mapa da direita, de 1861, mostra as terras albanesas na época. O da esquerda, na mesma escala, mostra a República Socialista da Albânia e a Região de Kosova.

obra barata em outros países da Europa.

Este mar de contradições explodiu no dia 11 de março último. O povo albanês de Kosova levantou-se contra as péssimas condições de vida, contra o atraso e o desemprego, contra a discriminação que sofre em relação às outras regiões. Exigiu maiores liberdades e o direito de tornar Kosova uma República dentro da Federação Iugoslava, como é garantido pela Constituição e como já acontece com a Sérvia, Eslovênia, Croácia, etc. Mas foi brutalmente reprimida.

Durante três semanas houve uma verdadeira batalha contra o povo de Kosova. A região foi ocupada militarmente, com tanques e aviões de guerra. O saldo foi de 300 mortos. Verdadeiro massacre, desmentindo o palavório socialista do governo iugoslavo. Ficou claro o seu caráter.

Os dirigentes revisionistas, incentivados pela URSS, tentam lançar a culpa

sobre a Albânia Socialista. Mas ao restaurar o capitalismo e a exploração na Iugoslávia, eles provocam a insatisfação e a revolta do povo trabalhador. Hoje em Kosova a situação é mais grave, mas a luta popular amadurece em todo o país. E a crise capitalista agita também as massas trabalhadoras na Polônia, como veremos no próximo artigo desta série.

(Luiz Fernandes)

Errata

Na edição passada, um erro gráfico mutilou o artigo "Governos da Europa Balancam e Caem na Lama da Crise", da série de Luiz Fernandes. Depois de falar sobre o escândalo da "P-2", que derrubou o 44º governo da Itália em 36 anos, o artigo tratava da Espanha, onde já houve três tentativas de golpe militar este ano, enquanto o rei Juan Carlos não quer saber de punir os mandantes golpistas. Mostra também as derrotas eleitorais dos governos de direita na França, Holanda, Inglaterra, Portugal, Itália e Alemanha. E sublinha que "muitas mudanças governamentais são fruto direto da mobilização dos trabalhadores".

Juventude inglesa sem emprego desafia a polícia e sacode o país

Há duas semanas a Inglaterra é sacudida por violentas batalhas de rua e motins urbanos. O berço do capitalismo moderno vive seus dias mais convulsionados desde os bombardeios nazistas da II Guerra Mundial. Não se passa um dia sem novos choques, que se alastram por todo o país.

AVALANCHE DE MOTINS

Tudo começou numa madrugada de sábado, no distrito londrino de Southall. Um grupo de nazistas começou a insultar imigrantes asiáticos numa boite. Os ofendidos também não deixaram por menos e desceram o pau nos provocadores. Sucedeu-se uma gigantesca briga de rua, agravada com a chegada de tropas da polícia, que também entraram na dança. No outro dia a revolta se estendeu ao bairro de Tixteh, em Liverpool. Pelo menos 70 policiais saíram feridos

de um choque com jovens. Daí em diante, ninguém segurou mais a rebelião, que se espalhou por vários bairros de Londres, e mais de dez outras cidades.

O mais curioso na história é que a repressão parece estar levando a pior. No cômputo geral, mais de 300 policiais já foram hospitalizados! O chefe de polícia de Manchester classificou a rebelião como "uma autêntica guerra de guerrilhas". Só na madrugada do dia 11 foram presas 900 pessoas. A ultra-reacionária primeira-ministra Margaret Thatcher proibiu qualquer manifestação no país durante um mês e já prometeu até botar o exército na rua. Mas não há nenhum sinal de que a chama da revolta vá se apagar.

O CULPADO É O GOVERNO

Na base de toda essa revolta está a crise e a política recessiva do governo, que já elevou o número de desemprega-

dos para 2,7 milhões, oficialmente, e 3,5 milhões, segundo o jornal "Times". No município de Toxteh, palco de uma dessas batalhas, um em cada três trabalhadores está desempregado.

Mas o governo inventa mil desculpas esfarrapadas. Primeiro disse que tudo era fruto de "tensões raciais" — tese logo invalidada, quando jovens de todas as raças se juntaram contra a polícia. Depois, Thatcher chegou à conclusão brilhante de que a culpa é da frouxa disciplina familiar da sociedade inglesa moderna! Enquanto isso, vão gastar 70 milhões de cruzeiros no casamento do príncipe Charles. Desse jeito só quebrando mesmo...

A rebelião juvenil na Inglaterra junta-se com o novo estouro da questão irlandesa. E os jovens trabalhadores britânicos, ao lado do heróico povo norte-irlandês, estão sacudindo as bases do mais velho império do capital.

ABC do socialismo

Com a Comuna de Paris os operários chegam ao poder

Desde o dia 18 de março de 1871, durante 72 dias, tremulou em Paris a bandeira vermelha da revolução. A Comuna foi o primeiro governo operário do mundo. Na prática ela confirmou a teoria de Marx sobre o ditadura do proletariado. Até hoje suas lições são úteis.

Em 1870, na França, a grande maioria da população estava revoltada contra a monarquia. E mais ainda porque, na guerra com a Alemanha, a tropas francesas sofriram uma derrota após outra. No mesmo ano, o velho regime caía.

Porém foi a burguesia que formou um governo, de "defesa nacional", que tinha mais ódio do proletariado que ao invasor. A 18 de março de 1871, o exército foi enviado para desarmar a Guarda Nacional, formada por uma maioria de batalhões populares.

O proletariado levantou-se então em armas. Formou um governo revolucionário e proclamou a Comuna de Paris. O governo burguês refugiou-se na cidade de Versalhes.

guesia se reorganizar. Vacilou também em reprimir os contrarrevolucionários e sabotadores. E não tomou o Banco da França. Faltava um partido de vanguarda para dar direção coerente à revolução.

Mas a Comuna tomou medidas históricas. Seu primeiro decreto foi substituir o exército profissional pelo povo em armas. Os membros do governo passaram a ser eleitos pelo voto universal e a receber o mesmo salário dos operários. Instintivamente a classe operária orientava-se para destruir o estado burguês e criar em seu lugar um novo tipo de poder. Na prática confirmava a teoria de Marx sobre a necessidade da ditadura do proletariado para garantir a transição do capitalismo ao comunismo.

A bandeira vermelha da revolução, hasteada em Paris, ganhou a simpatia da classe operária europeia. Teve o firme



Revolucionários em combate no bairro popular Saint-Cloud

apoio da Internacional, chefiada por Marx, que louvava sua ousadia ao tentar "tomar o Céu de assalto". Mas causou pavor à burguesia. A 10 de maio o governo de Versalhes assinou um acordo de paz, vergonhoso com o império alemão e os dois se juntaram para destruir a Comuna. A Alemanha libertou cem mil soldados franceses e abriu passagem para as tropas reacionárias atacarem Paris.

sa por casa. Só de mulheres, mais de dez mil participaram ativamente nas fileiras revolucionárias. Mas as forças eram desiguais. A revolução foi afogada em sangue — mais de 30 mil trabalhadores foram fuzilados.

A Comuna de Paris foi a primeira revolução proletária do mundo. Ensinou a aplicação de maneira concreta as tarefas da revolução socialista. Suas lições até hoje servem para os revolucionários.

O GOVERNO OPERÁRIO Inexperiente, o governo da Comuna não marchou logo sobre Versalhes. Deixou a bur-

RESISTÊNCIA HERÓICA Os operários resistiram, ca-



Fala o Povo destaca neste número cartas de operários sobre o desemprego, um dos problemas que mais afetam a classe operária brasileira neste momento. Todas elas, sem exceção, apontam o caminho da unidade e da luta dos trabalhadores para resolver esta situação. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté apresenta inclusive um programa com medidas concretas para acabar com o problema do desemprego. Ele levanta a necessidade da reforma agrária, do salário dos aposentados, do envio de lucros para o exterior, mostrando que o desemprego é filho do regime, é parte integrante do sistema capitalista. Outra carta sobre o mesmo tema mostra que somente a classe operária poderá resolver este problema, mudando este governo e colocando em seu lugar um governo a serviço dos interesses dos trabalhadores e do povo.

Também ressaltamos a carta da Comissão Pró-Índio, uma denúncia da política indigenista criminosa dos generais no poder. Continue a escrever, amigo leitor. Faça desta seção a mais forte e a mais lida deste jornal, porque ela é sua!

(Olívia Rangel)



LOTEAMENTOS CLANDESTINOS-RS

Moradores reagem à agressão policial

Há mais de um ano que moradores do bairro Magnabosco vinham pedindo à Prefeitura Municipal autorização para a retirada de 200 casas que estavam numa rua. Não sendo tomada nenhuma providência por parte da mesma, os moradores reuniram-se em mais 60 pessoas e no dia 14 de junho, às 8 horas da manhã começaram o deslocamento das casas para outra área.

Meia hora após o início do trabalho, passou pelo local a fiscalização municipal. Somente olhou, nem sequer parando para falar com os moradores. Voltou meia hora após com 3 viaturas da Brigada Militar, 6 PMs, mais 2 fiscais e motoristas. Todos eles armados até os dentes com cassetetes e revólveres calibre 38. Chegaram apontando pessoas da diretoria da Associação de Bairro, dizendo que caso os pegassem fora do bairro arrumariam qualquer motivo para prendê-los e "baixariam o pau" sobre eles. Prenderam no momento um dos moradores que é membro da diretoria da Associação e apontavam suas armas para o restante das pessoas que se encontravam no local.

Os moradores, revoltados com a prisão do companheiro, passaram a se armar de paus e pedras. Porém a PM partiu para agressão aos moradores, mostrando sua covardia e também mostrando mais

ELEIÇÃO DOS JORNALISTAS-AL

Diretoria renovará e fortalecerá Sindicato

A vitória da Chapa 1, Renovação, presidida por Dênis Agra, nas eleições do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas, no último dia 16, representou um avanço na luta pela dignidade profissional dos jornalistas a nível estadual e a nível nacional. A Chapa 2, liderada por Gabriel Mousinho e apoiada pelos patrões, foi derrotada principalmente pelos votos dos companheiros que estão dia após dia no "batente".

A nova diretoria vai prosseguir a luta iniciada na gestão do jornalista Freitas Neto, quando a entidade saiu da apatia e convicção com os patrões e partiu para o campo de batalha. Na gestão do combativo Freitas Neto, os jornalistas de Alagoas se mobilizaram numa decidida greve e conquistaram o piso salarial da categoria no Estado. E, elegendo

uma vez que o terror é filho do regime.

Em poucos minutos havia no local mais de 400 pessoas que cercavam a viatura a fim de retirarem o companheiro que estava no camburão da brigada. Foi então que interveio um político ordenando que o preso fosse libertado. A polícia soltou o detido e disse que voltaria às 17 horas para prender as pessoas ligadas à diretoria da Associação.

Os fiscais diziam que mesmo com autorização da Prefeitura para as casas permanecerem na área onde foram colocadas, eles iriam derrubá-las. Provaram assim estar comprados pela burguesia que mora nas proximidades e também que foram estes mesmos burgueses que denunciaram os moradores.

Mas os moradores do Magnabosco não intimidam-se com tais ameaças e prometem apoiar todas as famílias que forem falar com eles para fazerem suas casas no bairro, montando as casas em mutirão, provando às autoridades que este não é um bairro de marginais e sim de operários conscientes que querem o bem do povo e lutam contra a carestia de vida e contra esse regime de fome e opressão que está implantado no Brasil desde 1964.

(Um morador do Magnabosco - Caxias do Sul, Rio Grande do Sul)

(José Luiz Pompe — membro da diretoria do sindicato dos Jornalistas de Alagoas — Maceió, AL)

OPINIÃO DE LEITOR-MA

Ministros não ajudam em nada o povo brasileiro

A safadeza continua na Estrada de Presidente Dutra em Imperatriz, Maranhão. Há mais de 10 anos que um trecho de 300 quilômetros continua inacabado. E nós, motoristas, vivemos nos acabando nos buracos. É buraco e mais buraco, tem mais buraco que estrada. O que está fazendo o Ministro dos Transportes que não providencia estrada?

Outro safado é o ministro das Minas e Energia. Ele não tem nenhuma "energia", a não ser para tirar o dinheiro do povo. E isso é roubo.

O Ministro do Planejamento, o bruxo Delfim Neto, só planeja suas viagens para o exterior, que são cada vez mais caras.

O palhaço ministro da desburocratização nada fez por este Maranhão esquecido e abandonado na pobreza. O ministro da Justiça não faz Justiça, a gente só vê crime e mais crime. O ministro do Trabalho deve ser cego, porque sempre tem muito serviço mas nunca tem dinheiro para pagar a gente.

(A.B.S. — um motorista de Imperatriz Maranhão)

APOIO AO JORNAL-RS

A Tribuna orienta as massas no rumo da democracia

Quero, nesta carta, congratular este honrado jornal pela sua luta para a solidificação do bem comum. É com alegria que abro este jornal, que aponta os erros da sociedade capitalista e desperta o senso crítico de seu público.

Sou um estudante secundarista e já vejo a exploração em nossa sociedade. O Brasil está cada vez mais afundado no caos econômico e social, propiciando assim futuras grandes reformas sociais.

O surgimento de greves, que estamos a ver em várias partes do país, já nos mostra de sopetão a nossa esquecida realidade. O papel que as massas irão desenvolver a partir de agora será de enorme importância para o futuro de nossa nação. Os estudantes, os operários, os lavradores, enfim, todos os oprimidos deverão se levantar para derrotar as minorias exploradoras.

Nisso tudo se destaca a importância de vossos jornal, mostrando e delatando os males do capitalismo, orientando as massas na direção da justiça e da democracia. (Um secundarista amigo da TO de Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

CONGONHAS-MG

Pelego não vai ao Sindicato pra ajudar o patrão

É com prazer que venho pela primeira vez me comunicar com este que é o porta-voz de nós, trabalhadores. Sou funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional há 18 anos. Trabalho no setor de mineração em Congonhas, Minas Gerais. O motivo desta carta é relatar os fatos que acontecem com o nosso sindicato Metabase de Congonhas.

O último grande presidente que tivemos foi o sr. Mateus. Este lutava em favor dos operários e por isso foi perseguido na década de 60. Hoje os presidentes que aqui entram visam só seu interesse financeiro e social. Entram pobres e saem ricos.

O nosso atual presidente não toma nenhuma atitude contra as firmas mineradoras aqui existentes. A multinacional alemã Ferteco que está diariamente demitindo empregados tem por parte dele o maior prestígio. Ele também trabalha na CSN. Não fica nunca no sindicato, mesmo sendo dispensado pela Cia. para ficar na sede. Prefere ficar trabalhando, deixando por isso de resolver os problemas dos operários. A nossa classe aqui inclusive não vai a nenhuma assembleia porque sabe que ele aceita tudo o que os patrões querem. Nós da Companhia Siderúrgica Nacional não somos muito prejudicados porque o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda é que resolve tudo e aí somos beneficiados.

Esse presidente foi eleito indicado pelo ex-presidente, que ficou nove anos no cargo. E o estranho é que foi chapa única, sem oposição. Peço por tudo isso que vocês por gentileza publiquem isso no próximo número. Irei a Belo Horizonte buscar alguns jornais para distribuir entre os colegas e farei chegar um ao sindicato para desmascarar este canalha.

(Um funcionário da CSN — Congonhas, Minas Gerais)

Índios massacrados com a ajuda do governo

Comissão Pró-Índio denuncia política de matança da Funai nas reservas indígenas

A Funai em atitudes e declarações recentes, resolveu instituir uma política de "punição" aos indígenas que cometam delito contra pessoas físicas ou propriedades, contrariando o Estatuto do Índio, que lhe atribui o dever de assistência, defesa judicial e extra-judicial tanto dos direitos das comunidades indígenas como de seus membros.

Diz o Estatuto que a Funai deverá acionar punição contra pessoas envolvidas com invasão em áreas indígenas ou acionando a anulação de propriedades que transgridam tais limites de legítimo direito histórico indígena.

No dia 3 deste mês foi noticiado pelo jornal "O Estado de São Paulo" que Nozimbo Gonçalves, índio Apurinã de Boca do Acre baleou e matou um delegado sindical, estando no momento preso. Declarou a Funai que irá mandar uma antropóloga avaliar o grau de aculturação do índio para anexar ao inquérito.

O Grupo Apurinã é composto de 270 indivíduos, residindo numa área de intensos conflitos de terras, na altura do km 45 da BR-317, o que os leva a sofrer forte discriminação de grileiros e fazendeiros locais. Há tempos vêm pedindo a redemarcção de suas reservas conforme seus interesses de sobrevivência, o que até hoje não aconteceu. Esta situação os obriga a procurar trabalho fora de sua área, como também a falar o português, podendo isso ser utilizado contra eles ao serem assim caracterizados como "integrados" e, portanto, passíveis de punição por delito comum.

Pelo Estatuto, a Funai deveria assumir a responsabilidade por não



ter dado a assistência devida ao grupo, demarcando e defendendo suas terras, assim como acionando a liberação do indígena preso.

Da mesma forma ela vem ameaçando de prisão os índios Xavantes de Sangradouro (Mato Grosso) que tentam recuperar uma área de imemorial ocupação e também cemitério sagrado de seus ancestrais, hoje ocupadas por nove fazendas.

Para finalizar, no dia 6 do corrente no Estado de São Paulo saiu uma declaração do presidente do referido órgão, Coronel Nobre da Veiga, aos índios tupiniquins, di-

zendo que estes não têm direitos sobre as terras que ocupam em Cadeiras Velha, Espírito Santo, além de ameaçar prendê-los caso insistissem em fazer "agitações".

Essas atitudes da Funai evidenciam uma política contrária às suas atribuições constitucionais e o desrespeito dos seus coronéis dirigentes aos direitos históricos dos indígenas à sobrevivência, assim como um nítido comprometimento com os interesses de grupos econômicos.

(Comissão Pró-Índio - Rio de Janeiro, RJ)

ESPERANTINÓPOLIS-MARANHÃO

Governo perdoa dívida do tubarão mas cobra sempre do trabalhador

Nossa situação aqui em Esperantinópolis está como o cantor de perua. Pior. Somos vítimas deste sistema que há 17 anos oprime os trabalhadores. O inverno foi fraco, perdemos 70% da produção e ainda os grileiros estão exigindo renda. Até o momento não sabemos onde botar roça, pois o INCRA não resolveu nada até agora. A desapropriação que foi feita para beneficiar o lavrador está beneficiando somente os grileiros.

O delegado de polícia, que está a serviço de latifundiários e grileiros, Sr. Luis Almeida, deu cobertura a um latifundiário para receber 5 alqueires de arroz de um lavrador que tinha uma rocinha de apenas 8 alqueires. O pobre lavrador só ficou

com 3 alqueires para sustentar a família.

Somos vítimas de tanta injustiça! Os grandes são todos unidos para nos explorar. E quando somos chamados na delegacia é sempre o poderoso que tem razão. Quando não fazemos parte da mesma política-gem também não temos direitos. A polícia está pronta para humilhar, tomar nossos ferros, nossas armas de roça. Descarregam sua frustração em cima da gente. Também são explorados, também passam fome, mas não têm consciência. Deviam pensar que ganham um salário de miséria para servir de bate-pau dos opressores.

Estamos ouvindo falar todo dia

pelo rádio que as dívidas bancárias foram anistadas. Isso serviu para ajudar os grandes industriais, grileiros e latifundiários que tiraram muitos bilhões. Quanto a nós, vão perdoar apenas uma parte. Porque não perdoam toda a dívida? O prefeito com sua gang e os vereadores estão aproveitando as reuniões da EMATER para dizer que foi o prefeito que ajudou os lavradores a não pagarem a dívida. Porque eles se preocupam em mentir, aproveitando as coisas que o povo mesmo pode ver que não é verdade pois tem o rádio para fazer a propaganda?

(Grupo de lavradores de Esperantinópolis, Maranhão)

ROSÁRIO OESTE-MATO GROSSO

Garimpeiros decidem lutar contra latifundiários e politiquinhos

Na cidade de Rosário Oeste cerca de 500 garimpeiros e outros que chegam a cada dia, trazidos pela notícia do ouro, aguardam as condições para poder trabalhar na única profissão que conhecem.

Em duas fazendas próximas da cidade, segundo os garimpeiros, tem muito ouro. Uma delas é de propriedade de Paulo Campos, irmão do governador do Estado; e outra do médico Benedito Canavarros. Ninguém pode entrar, pois barreiras com policiais fortemente armados impedem a aproximação dos garimpeiros. Nós só conseguimos entrar porque estávamos acom-

panhados de dois parlamentares do PMDB, que mostraram suas carteirinhas.

No garimpo não havia ninguém, a não ser um caminhão de polícia e cerca de 6 soldados, que balançavam em redes com armas pesadas de lado. Na cidade conversamos com o sr. Antônio Ribeiro, 8 anos como garimpeiro, vindo da Alta Floresta animado com a notícia do ouro. "Estou aqui há 10 dias — disse ele — só pude trabalhar um dia. Mesmo assim vou ficar porque aí tem muito ouro, nós vamos revirar essa serra". Outro garimpeiro completa: "a polícia tomou conta de tudo. Outro dia

prenderam 12 garimpeiros, depois 20 e agora por último mais 50 companheiros que estavam trabalhando. Aqui na cidade a polícia entra onde a gente está mexe nas nossas coisas, revira nossas sacolas até lá no hotel da Dona Dita".

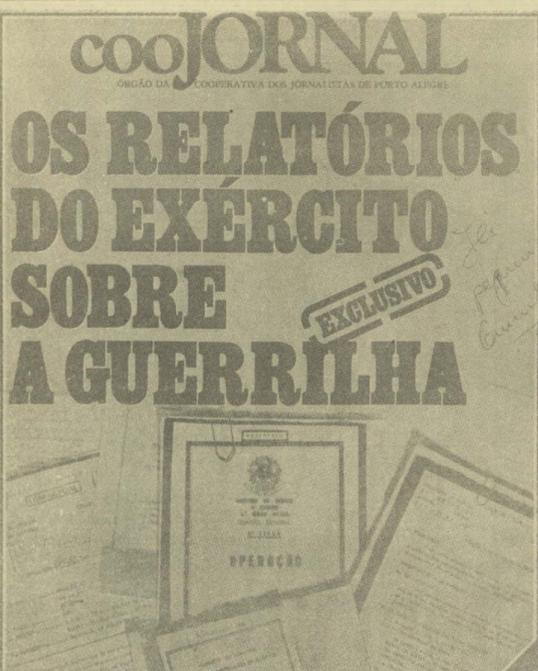
Luis, um rapaz de aproximadamente 25 anos, completa: "Essa polícia é pior que o cão, eram mais de 70, colocaram a gente no sol uma base de duas horas, seguidas e ameaçaram a gente".

Seu Antônio, outro garimpeiro, denuncia: "Agora estão dizendo que não tem ouro. Mas geólogo de garimpeiro é picareta, nós já fizemos teste, aí tem muito ouro" E completa: "Nós estamos esperando. Se não liberar, nos reunimos mil ou dois mil companheiros e entramos no peito".

Outro garimpeiro afirmou: "Fui eu que tirei o Antônio da cadeia, mas precisou a gente dar dinheiro pro delegado, foi mil cruzeiros e ainda ficamos devendo dois mil para levar depois". Ouvindo isso, o deputado Paulo Nogueira, (garimpeiro de profissão) disse: "Toma aqui os 2 mil cruzeiros. Vão lá com testemunha e vejam se esse delegado aceita o dinheiro e tomem o nome dele". Isso foi num bar da estrada, cheio de gente, todos ficaram esperando. Quando os três voltaram, os garimpeiros confirmaram: "ele pegou bonito, disse que a gente era safado porque demoramos pra levar. O nome dele é Dr. Luiz, delegado de Rosário do Oeste. E ele ainda disse: "é isso aí pessoal, ajudem a gente que vocês ganham". O deputado disse que vai denunciar tudo em Cuiabá e que vai buscar os 2 mil com o delegado.

(A.A. - Cuiabá, Mato Grosso)





Este foi o pretexto para a condenação dos jornalistas

Lei fascista usada de novo contra imprensa

A Auditoria Militar de Porto Alegre condenou 4 jornalistas do Coojornal pela Lei de Segurança Nacional, no último dia 3. O pretexto foi terem divulgado um relatório do Exército sobre a guerrilha no Vale do Ribeira. Como no caso da bomba do Riocentro, o regime considera crime divulgar a verdade e ataca a imprensa.

A condenação dos jornalistas do Coojornal causou tanta indignação que o presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho apresentou-se voluntariamente como testemunha de defesa. A ABI publicou um folheto com um caso semelhante nos Estados Unidos, onde a Suprema Corte absolveu os jornalistas do New York Times e do Washington Post que divulgaram documentos do Pentágono.

Esta condenação faz parte de uma violenta ofensiva desencadeada contra a imprensa. Três jornalistas do Hora do Povo foram condenados no mês passado e o jornal foi suspenso por 30 dias. Jornalistas do Diário da Tarde em Juiz de Fora estão sendo processados. O Pasquim foi apreendido na semana passada. A Tribuna Operária foi alvo de diversas agressões recentemente (ver box). No final de agosto devem ser julgados os 6 jornalistas mineiros que noticiaram um manifesto do PC do Brasil.

PROMESSA DE GENERAL

Logo que estorou a bomba do Riocentro, o general Ferraz, chefe do Estado Maior das Forças Armadas, não quis falar nada sobre o terrorismo, mas prometeu tomar providências em relação ao que ele chama de infiltração na imprensa. E os fatos acima mostram que o regime está cumprindo as promessas do general.

O fascismo considera que a mentira repetida muitas vezes passa por verdade. Por isto tenta silenciar todas as opiniões contrárias ao regime para divulgar somente a ver-

são oficial. A Alemanha nazista também fazia isto.

O jornal Movimento divulgou uma pesquisa sobre a repressão à imprensa desde 1978: 23 jornalistas enquadrados na Lei de Segurança Nacional; 18 enquadramentos na Lei de Imprensa; 8 atentados terroristas; 20 edições de jornais apreendidas; diversas invasões de sedes, perseguições de colaboradores e presenças econômicas.

DIREITO DE OPINIÃO

Sempre que ocorre um fato concreto de arbitrariedade do regime, um atentado terrorista, um escândalo de corrupção, aparece uma autoridade para falar nos comunistas infiltrados na imprensa. Mas estes fatos concretos são crimes até mesmo pelas leis burguesas, e não são punidos. E ser comunista não é crime. Pelo menos formalmente, a Constituição garante a liberdade de opinião e portanto o direito de ser comunista. E garante também o direito de trabalho para todos os cidadãos. Os comunistas também têm o direito de trabalhar, inclusive na imprensa. Para isto não precisam se "infiltrar", como certos agentes do DOI-CODI, com codinomes e chapas frias.

Na luta pelo desmascaramento das torturas no Brasil, a imprensa cumpriu um papel de destaque. Agora também, no caso da bomba do Riocentro, é a imprensa que mostra todas as mentiras do IPM. A classe operária tem todo o interesse em defender a liberdade de imprensa e o direito de ter a sua própria imprensa independente.

(Rogério Lustosa)

Tribuna Operária sofre agressão dos fascistas

Nestes últimos dias o regime mostrou um particular interesse em calar a Tribuna Operária.

Dia 3 de julho à noite, colaboradores da Tribuna e Niterói foram agredidos por sete elementos da polícia federal chefiados por um delegado que não se identificou. Tentaram tomar os jornais dos tribuneiros. Arrastaram o responsável da sucursal para dentro de um estacionamento da polícia e passaram a espancá-lo violentamente. Depois, disseram que foi um equívoco.

Dia 4 de julho, em Manaus,

seis colaboradores foram presos pela Polícia Militar, "por ordem superior". Foram levados para o DOPS, e só saíram com a interferência de um advogado. Para completar, sem nenhum motivo, foram seqüestrados 43 exemplares da Tribuna.

Dia 12 de julho, em Fortaleza, três colaboradores foram presos e ameaçados por um coronel do Exército, (diretor da secretaria de agricultura, segundo disse). Vários populares protestaram contra a arbitrariedade, e telefonaram para as famílias dos presos para avisar.

Tribuna Operária

Metalúrgicos votam em S. Paulo

Joaquim se une com a Polícia para calar a Tribuna Operária

A Tribuna Operária publicou uma edição especial para São Paulo sobre a "Gang do Joazeirão", sua história de delações, servilismo a ditadura e aos patrões e os inúmeros casos de corrupção. Os 30 mil exemplares da primeira edição da Tribuninha — como foi batizada pelos operários paulistas — esgotaram-se em menos de 48 horas. Uma segunda edição, também de 30 mil números, aumentou ainda mais o impacto das denúncias.

Tanto que os pelegos logo se doeram. Unindo-se na prática ao ministro da "Justiça" e à Polícia Federal, Joaquim disse que irá processar o jornal. Ao invés de desmentir as denúncias — o que não tem condições de fazer — procura calar a Tribuna com as leis fascistas da ditadura. Esta atitude demonstra que o traidor está acuado pela categoria.

Nós desafiamos Joaquim a negar nossas acusações. Temos todas as provas do que publicamos: documentos, fotos e entrevistas. E mais: com a Tribuninha nas portas de fábricas descobrimos ainda mais sujeiras da Gang. Por exemplo: Jorge Calixto, o conhecido "prefeito do Sapopemba", confir-

mou que o posto da avenida Sapopemba pertenceu ao diretor corrupto, Bernardino Testa. Ele afirma: "O Bernardino vinha de vez enquando aqui no posto. Ele é um homem muito rico, tinha até uma frota de táxi. E olha que isto dá muito dinheiro. Seu filho, o Zezinho, tinha uma metalúrgica próxima a rua Solidônio Leite".

MEXEU NA VOTAÇÃO

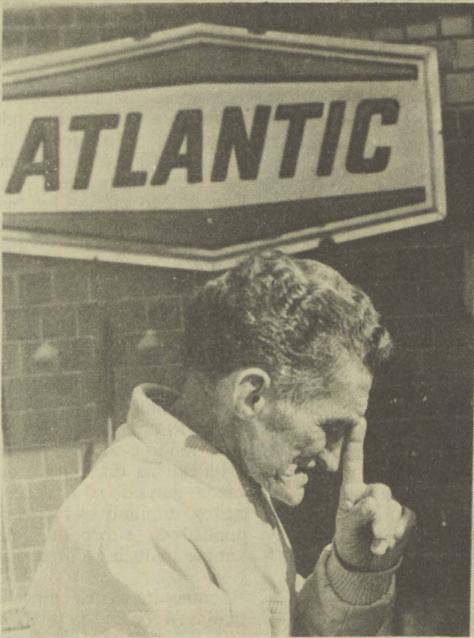
A Tribuninha teve grande repercussão na categoria. Serviu para desmascarar os pelegos que estão à frente do Sindicato. Metalúrgicos ainda iludidos com Joazeirão, principalmente com o assistencialismo da entidade, acordaram e decidiram votar na Chapa mais consequente, a Chapa 3.

Na Philco do Tatuapé, por exemplo, um operário enganado com a demagogia do Joaquim se recusou, num primeiro momento, a ler o jornal. Só depois de muita insistência começou a lê-lo. Quando acabou agradeceu por ter sido alertado para o mal que faria votando "neste traidor".

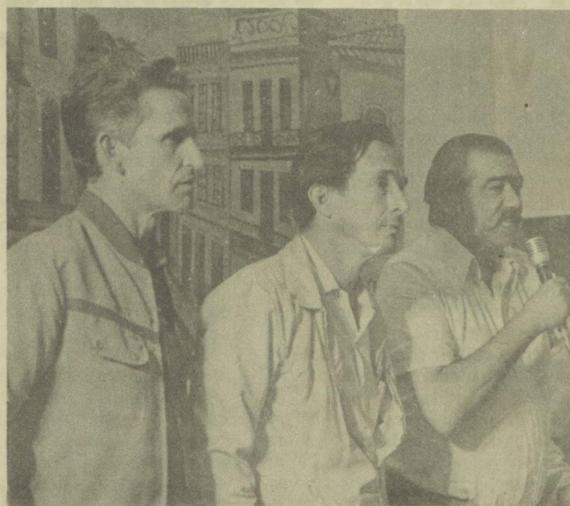
O jornal, sem sombra de dúvida, mexeu com o eleitorado, conforme reconhecem os próprios cabos eleitorais do pelego. Nas pequenas firmas da Zona Norte, onde o pelego tem alguma base devido à máquina sindical, muitos operários ao tomarem contato com a Tribuninha mudaram de opinião e de voto. E assim vai.

A TRIBUNA DOS OPERÁRIOS

Este "dossiê do Joazeirão" é mais um exemplo de como é importante para a classe operária uma imprensa combativa e independente para defender suas idéias, combater os exploradores, o governo anti-operário e os traidores da classe.



Seu Calixto defronte ao posto do corrupto Bernardino



Aurélio, Rossi e Joaquim: os candidatos

Pelego quer se manter no Sindicato a força!

Os metalúrgicos paulistas decidem nesta semana — do dia 13 a 16 — quem dirigirá seu Sindicato nos próximos três anos. O pelego Joaquim Andrade, que está no trono há 17 anos, mostra mais uma vez que está disposto a utilizar dos meios mais sujos para continuar no poder.

Nas vésperas da eleição ele, com a ajuda da "Justiça" burguesa, anulou duas liminares da oposição: uma delas dava aos opositoristas o direito de ter o mesmo número de mesários de urnas que a situação. Com esta anulação as chapas que tentam tirar Joaquim do Sindicato só terão metade dos mesários, o que dificultará a fiscalização, facilitando fraudes.

A outra liminar anulada é a que permitia à oposição conhecer os poucos sindicalizados com direito a voto — cerca de 54 mil entre os 426 mil metalúrgicos paulistas. Até agora os opositoristas trabalhavam no

escuro, sem conhecer os sócios. Só dois dias antes do primeiro escrutínio é que as listas foram abertas.

34 PRESOS

Além dos truques da Gang do Joazeirão, a chapa 3 de Aurélio Peres sempre foi perseguida pelos patrões e pela polícia. No dia 6 de julho, 34 trabalhadores da União Metalúrgica foram presos quando faziam propaganda da chapa. Segundo o capitão da PM, o motivo da detenção é que a chapa aponta o regime militar como o principal culpado pela miséria do povo e diz na sua carta-programa que ele deve acabar.

Mas os operários forjados nesta vibrante campanha eleitoral não se intimidaram. Tanto é que logo que saíram do DOPS todos foram para os comícios nas portas de fábrica da Zona Leste, segundo Arnaldo membro da chapa que também foi preso.

Um jornal pequeno... como uma semente!

Caro amigo. A nossa Tribuna Operária ainda é pequena. Mas é pequena como uma semente. Pode crescer. E por isto já assusta os poderosos do regime militar: os fascistas, os corruptos e pelegos. Na semana retrasada um grupo da Polícia Federal espancou covardemente um companheiro da sucursal de Niterói, para intimidá-lo. E agora o pelego Joazeirão promete usar as leis fascistas para tentar sufocar as denúncias que fizemos — o que ele não tem como contestar — sobre a sua trajetória de corrupção e de traição à classe operária.

Mas tem muita gente que aposta nesta semente. E convidamos você a se incorporar na tarefa de cuidar dela. Estamos na etapa decisiva da campanha para melhorar a qualidade,

passar a tiragem para 60 mil e tornar a Tribuna semanal. Precisamos arrecadar 4 milhões de cruzeiros até o dia 7 de setembro. Você concorda com estes objetivos?

TIRAGEM FOI PARA 40 MIL

Já tivemos êxitos importantes. Estão se formando equipes de redação em vários estados e novos colaboradores estão aparecendo. A tiragem já foi para 40 mil e a venda entre os operários melhorou. Mas ainda há muito o que fazer. Está na hora de uma arrancada vigorosa. Deixar de lado os métodos rotineiros, agrupar mais gente, buscar novas fontes de recursos. Colocar o jornal em bancas com mais ousadia. Contamos com você para esta virada. E vamos cumprir as metas planejadas.

Envie também sua contribuição!

A conta da Campanha é a seguinte: Bradesco, agência 200, Major Diogo, São Paulo, Editora Anita Garibaldi, número 033501

Total acumulado do número anterior	Cr\$ 561.409,00
Venda de um jogo de cozinha em São Paulo	Cr\$ 10.000,00
Contribuição de um grupo de Rancharia, São Paulo	Cr\$ 1.100,00
Pedágio feito por estudantes de Goiânia	Cr\$ 7.000,00
Galinhada no bairro de Campinas, Goiânia	Cr\$ 3.000,00
Contribuições diversas recolhidas em Manaus	Cr\$ 4.350,00
Barraca na festa dos arquitetos baianos	Cr\$ 3.500,00
Rifa de um disco no bairro de Brotas, Salvador	Cr\$ 2.000,00
Coleta numa festa junina na Ribeira, Salvador	Cr\$ 2.000,00
Doações vindas do interior do Maranhão	Cr\$ 3.330,00
Contribuição de um professor de São Luis	Cr\$ 5.000,00
Venda de um bônus em São Luis	Cr\$ 170,00
Campanha do vintém entre o povo de Goiânia	Cr\$ 1.354,00
Bingo feito entre universitários goianos	Cr\$ 3.200,00
Bingo feito numa festa em Goiânia	Cr\$ 300,00
Corrida de um chapéu no bairro de Sta. Isabel, Cuiabá	Cr\$ 552,00
Outro chapéu no bairro cuiabano de Canjica	Cr\$ 362,00
Outro ainda no bairro do Barbado, também em Cuiabá	Cr\$ 162,00
Doação à Sucursal de Cuiabá	Cr\$ 1.900,00
Doação da esposa de um médico matogrossense	Cr\$ 1.500,00
Contribuição de alguns operários de Cuiabá	Cr\$ 800,00
Resultado de um forró em Campina Grande	Cr\$ 1.600,00
"Caixinha da Campanha", colocada na sede de João Pessoa	Cr\$ 500,00
TOTAL DESTA SÉRIE	Cr\$ 53.680,00
TOTAL GERAL	Cr\$ 615.089,00



Muitos seringueiros acreanos são leitores entusiastas da Tribuna

Faça hoje mesmo sua assinatura!

Desejo receber em casa os 25 próximos números da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

- Assinatura de apoio (Cr\$ 1.000,00)
- Assinatura standart (Cr\$ 500,00)
- Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 250,00)

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Fone: _____ Data: ____/____/____

DM
Fundação Documentação e Memória
Fundação Getúlio Vargas